

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Doutorado em Educação

LARISSA VINHAS TIMÓTEO DE FREITAS

EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA NA ENFERMAGEM:
POSSÍVEIS PRÁTICAS *PARHESIÁSTICAS*

ITATIBA
2024

LARISSA VINHAS TIMÓTEO DE FREITAS - RA: 002202002118

**EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA NA ENFERMAGEM:
POSSÍVEIS PRÁTICAS *PARHESIÁSTICAS***

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação *Strictu Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Sociedade e Processos Formativos.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto da Silveira.

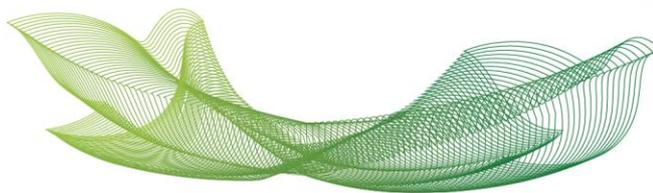
**ITATIBA
2024**

378.126 Freitas, Larissa Vinhas Timóteo de
F936e Educação e docência na enfermagem: possíveis práticas
parhesiásticas / Larissa Vinhas Timóteo de Freitas. –
Itatiba, 2024.
89 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Educação da Universidade São
Francisco.

Orientação de: Carlos Roberto da Silveira.

1. Parrhesía. 2. Educação. 3. Docência em Enfermagem.
I. Silveira, Carlos Roberto da Silveira. II. Título.



**UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM EDUCAÇÃO**

Larissa Vinhas Timóteo de Freitas defendeu a tese intitulada: “EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA NA ENFERMAGEM: POSSÍVEIS PRÁTICAS *PARHESIÁSTICAS*”, aprovada no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco em 22 de fevereiro de 2024, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Carlos Roberto da Silveira
Orientador e Presidente

Profa. Dra. Cristianne Maria Famer Rocha
Examinadora

Prof. Dr. David da Silva Pereira
Examinador

Profa. Dra. Fabiana Rodrigues Sousa de Sante
Examinadora

Profa. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico essa minha tese ao meu Deus.
O dono do sabedoria, do amor verdadeiro e do alívio da alma cansada.
Esse título é Teu, Senhor!

AGRADECIMENTOS

Inicio agradecendo ao único Deus pelo seu imenso amor, que não me deixou desistir, por mais difícil que possa estar e por Ele ser o meu guia por toda vida. Deus, mesmo que, por muitas vezes, não compreenda teus caminhos, eu sei que eles são maiores e melhores que os meus.

Agradeço aos meus pais por serem minha motivação, minha força, minha razão de vida e por me darem colo quando mais precisei.

À minha irmã por ser minha melhor amiga, meus ouvidos atentos, meu abraço quentinho e minha maior incentivadora.

Ao meu esposo por ser meu ponto de equilíbrio e por não soltar minhas mãos na caminhada da vida.

Aos meus avós, Maria das Dores Rosa Timóteo (*In memoriam* e eternamente em meu coração), Maria de Fátima da Silva, Benedito Flausino Timóteo e Jair Francisco Dias, por me amarem, acreditarem em mim e me darem todo o apoio necessário.

Aos meus tios e primos, em especial respectivamente, Michele Dias, Cristiano, Jéssica, Eduardo e Junior, com vocês, eu aprendi a correr atrás de meus sonhos e o significado de rede de apoio.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos, por seu empenho ao me ajudar e por sua amizade sincera.

À minha doce Amora, minha companheira de quatro patas, que veio trazer luz e alegria aos meus dias, no final das contas, não sei se foi eu quem te salvei, ou se foi você quem me salvou.

A todos os professores que lecionam na Universidade São Francisco, no Programa de Pós Graduação em Educação, por terem contribuído com meu desenvolvimento pessoal e profissional, em especial à profa. Dra. Márcia.

A todos os componentes de minha banca, suplentes e interinos, que nominalmente cito, prof. Dr. Carlos, Profa. Dra. Fabiana, Profa. Dra Márcia, Prof. Dr. David, Prof. Dr. Daniel, Profa. Dra. Cristianne e à Prof. Dra Sônia que, com carinho, tiraram um pouco de seu valioso tempo para contribuírem com minha pesquisa.

Aos colegas e amigos que a USF me deu para a vida, levo vocês em meu coração.

Aos meus amigos, em especial, à Gabriela Hillesheim e Sarah, que foram presentes que o Rio de Janeiro me deu.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que

proporcionou financiamento aos meus estudos.

Eu tenho um Deus, que não vai deixar
essa luta me matar. O desespero me tomar
Por mais pressão que esteja, a situação
O controle ainda está na palma de suas mãos
O choro dura uma noite, mas a alegria, ela vem pela manhã
[...] Ainda que a figueira não floresça, e não haja fruto na
vide, e o produto da oliveira minta. Todavia eu me
alegrarei (Samuel Messias, 2019).

FREITAS, Larissa Vinhas Timóteo de. **Educação e docência na enfermagem: possíveis práticas *parrhesiásticas***. 2024. 89 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. Universidade São Francisco, Itatiba/SP, 2024.

RESUMO

O presente trabalho, financiado pela Capes¹, está inserido na linha de pesquisa Educação, Sociedade e Processos Formativos. A pesquisa de campo foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade São Francisco (USF), com o registro CAAE 63420622.9.0000.5514. A *parrhesía* é um conceito tratado desde o período socrático platônico, que denota a expressão de falar a verdade para os outros e sobretudo a respeito de si, independentemente das consequências que vierem. Outro autor que discute a respeito é Michel Foucault, que resgata o conceito e o aplica como um modo de viver cínico. A profissão de enfermagem possui inúmeras vertentes de atuação, uma delas é a docência e em suas práticas as possibilidades de *parrhesía*, esses profissionais conseguem proporcionar reflexões, seja sobre suas ações, seja sobre as ações do acadêmico, por meio dessa relação podem emergir possíveis novas reconstruções de si e de novas verdades. O objetivo geral da pesquisa é investigar possíveis práticas da *parrhesía* dos educadores de enfermagem. Os objetivos específicos são conhecer, por meio dos sujeitos da pesquisa, se ocorreu *parrhesía* ou se eles se aproximaram dela na prática docente e investigar se há possibilidades de se implementar um conteúdo curricular com enfoque ético aprofundado sobre a *parrhesía* na docência em enfermagem atualmente. O interesse e a justificativa pelo tema emergiram a partir das experiências da autora como docente em enfermagem diante das circunstâncias em que era necessário falar a verdade para si e para os outros. A relevância científica se dá por se tratar da ética no ambiente profissional voltado à saúde e à vida. A relevância profissional se justifica, primeiramente, pois trata-se de minha profissão e pode ser extensiva aos demais profissionais ao promover reflexões sobre as práticas do educador enfermeiro. A relevância social se dá por se tratar da educação, da verdade e da ética num ambiente que deve envolver o cuidado de si e que se expande ao cuidado do outro, que adentra os ambientes de saúde. Como metodologia ela possui caráter qualitativo, exploratório e descritivo, com análise reflexiva por meio dos discursos obtidos por entrevistas semiestruturadas de quatro sujeitos participantes da pesquisa, docentes de enfermagem em uma faculdade do interior do estado de Minas Gerais, juntamente com os pressupostos teóricos, em especial de Platão/Sócrates e Foucault sobre a *parrhesía*. Os resultados apontam para docentes do gênero feminino, com o maior tempo de experiência de trinta e um anos e duas com pós graduação *stricto sensu*. Identificou-se que a educação pode ser vista como uma ferramenta para a prática *parrhesiástica*; que a ética é entrelaçada com o falar franco nos discursos analisados e que é possível a presença de práticas da *parrhesía* em educação no ambiente docente e que estas possuem influências do sujeito educador de enfermagem e que se associam à ética do cuidado de si.

Palavras-chave: *Parrhesía*; Educação; Docência em Enfermagem.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

FREITAS, Larissa Vinhas Timóteo de. **Education and teaching in nursing: possible parrhesiastic practices**. 2024. 89 f. Thesis (Doctorate in Education) Stricto Sensu Postgraduate Program in Education. São Francisco University, Itatiba/SP, 2024.

ABSTRACT

This study funded by Capes², is part of the research line Education, Society and Training Processes, research. The field research was submitted and approved by the Ethics and Research Committee of Universidade São Francisco (USF), with registration CAAE 63420622.9.0000.5514. Parrhesia is a concept treated since the Platonic Socratic period, which denotes the expression of speaking the truth to others and especially about oneself, regardless of the consequences that may arise. Another author who discusses this is Michel Foucault, who rescues the concept and applies it as a cynical way of living. The nursing profession has numerous areas of activity, one of which is teaching and in its practices the possibilities of parrhesia, these professionals are able to provide reflections, whether on their actions or on the actions of the academic, through this relationship possible new possibilities can emerge. reconstructions of oneself and new truths. The general objective of the research is to investigate possible parrhesia practices of nursing educators. The specific objectives are to find out, through the research subjects, whether parrhesia has occurred or whether they have approached it in teaching practice and to investigate whether there are possibilities of implementing curricular content with an in-depth ethical focus on parrhesia in nursing teaching today. The interest and justification for the topic emerged from the author's experiences as a nursing teacher faced with circumstances in which it was necessary to tell the truth to herself and others. The scientific relevance is due to the fact that it deals with ethics in the professional environment focused on health and life. The professional relevance is justified, firstly, as it is my profession and can be extended to other professionals by promoting reflections on the practices of the nurse educator. The social relevance occurs because it is about education, truth and ethics in an environment that must involve the care of oneself and which expands to the care of others, which enters healthcare environments. As a methodology, it has a qualitative, exploratory and descriptive character, with reflective analysis through speeches obtained through semi-structured interviews from four subjects participating in the research, nursing professors at a college in the interior of the state of Minas Gerais, together with theoretical assumptions, in special by Plato/Socrates and Foucault on parrhesia. The results point to female teachers, with the longest experience of thirty-one years and two with stricto sensu postgraduate degrees. It was identified that education can be seen as a tool for parrhesiastic practice; that ethics is intertwined with frank speaking in the discourses analyzed and that it is possible for the presence of parrhesia practices in education in the teaching environment and that these have influences from the nursing educator subject and are associated with the ethics of self-care.

Keywords: *Parrhesía*; Education; Teaching in Nursing.

² This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Finance Code 001”

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 - Estudos da <i>Parrhesía</i> e da Enfermagem	25
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABMES - Associação de Mantenedoras de Ensino Superior

BVS - Banco Virtual de Saúde

CAT - Comunicação de Acidente de Trabalho

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa

ESF - Estratégia de Saúde da Família

MERS - Síndrome Respiratória do Oriente

SARS - Síndrome Respiratória Aguda

SARS - Cov-2 - Síndrome Respiratória Aguda por Coronavírus tipo 2

USF - Universidade São Francisco

UTI - Unidade de Terapia Intensiva

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS DE ACRÔNIMOS

Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Cepe - Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem

Cofen - Conselho Federal de Enfermagem

Coren - Conselho Regional de Enfermagem

Consepe - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

Lepe - Lei do Exercício Profissional de Enfermagem

Mec - Ministério da Educação

SciELO - Scientific Library Online

SUMÁRIO

"A VIDA ME FEZ ASSIM"	14
1 "VOU DESCOBRIR O QUE ME FAZ SENTIR"	19
2 "PRESO A CANÇÕES, ENTREGUE ÀS PAIXÕES"	27
3 "ABRIR O PEITO A FORÇA"	34
4 "LONGE DO MEU LUGAR"	40
4.1 "Caçador de mim"	44
5 "NADA A FAZER, SENÃO ESQUECER O MEDO"	52
5.1 A Educação como possível ferramenta filosófica da <i>parrhesía</i> e suas influências enquanto sujeito.....	54
5.2 A Ética e o Cuidado de Si <i>Parrhesiástico</i>	62
5.3 Possíveis práticas <i>Parrhesiásticas</i> dos educadores de Enfermagem.....	67
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS	78

“A VIDA ME FEZ ASSIM”

“Por tanto amor, por tanta emoção,
a vida me fez assim [...]”
(Magrão; Sá, 1981).

Quando *Panaceia* terminou seu mestrado na Universidade São Francisco, no ano de 2018, com a dissertação intitulada *O autocuidado, cuidado de si e do outro na educação em enfermagem: um enfoque nos docentes*. Por um instante, ela parou e percebeu que o que havia escrito era para ela e sobre ela. Sempre que se olha no espelho, ainda com pouca idade, vê uma mulher forte, que superou muita coisa e uma menina frágil, que precisou e precisa de cuidados até hoje. Um paradoxo.

Panaceia, primeira filha, primeira neta, primeira bisneta, primeira sobrinha, vinda de uma família humilde, ajudou a cuidar de sua irmã mais nova e seus primos por ser a mais velha dentre eles. Toda a responsabilidade sentia percorrer em cada milímetro de seu corpo, em cada centímetro em sua pele. Escutava coisas do tipo: “é sua responsabilidade” e “se machucarem, a culpa a sua”. Desde pequena sentia a necessidade de cuidar dos outros e, mesmo que isso a fizesse limitar suas brincadeiras de criança, ela se sentia feliz por terem proporcionado à ela, a confiança.

Arelado a isso, quando não estava na escola, auxiliava sua tia em seu mercado. Tirava poeira das mercadorias, repunha mercadorias nas prateleiras e, hora ou outra, ajudava no caixa. Vinda de uma família de mulheres fortes e decididas, sempre teve sua mãe e sua tia como as maiores inspirações de superação. Aprendeu a importância de se falar a verdade, custe o que custar e que viesse todas as consequências, se houvesse, para lidar com elas, e com o tempo aprendeu a cantarolar com sua tia “Erga essa cabeça, mete o pé e vai na fé. Manda essa tristeza embora, basta acreditar que um novo dia vai raiar sua hora vai chegar” (Madureira; Bernini; Pilares, 2009).

Vinda de chão de escola pública, amava o começo do ano letivo, mesmo que a família não tivesse condições para os melhores cadernos com figurinhas, canetas de gel e lápis coloridos. Sentia uma alegria ao percorrer os corredores do mercado de sua tia, pois eles cheiravam a folhas de cadernos novos.

Ela realmente sentia que a escola era seu lugar. Ficava encantada com as professoras lecionando, com o cheiro do papel carbono, com as salas coloridas, com os cartazes e o alfabeto em cima da lousa. Ganhou, algumas vezes, um certificado, em folha simples, como aluna destaque do semestre e até hoje, quando se lembra disso, emociona-se, pois havia, no rosto de

sua mãe, um sorriso contagiante. Proporcionar felicidade a alguém que ama e que nunca deixou de batalhar e trabalhar por suas filhas é muito prazeroso; ela nunca se esquecerá de quanto sua mãe a inspirou e a incentivou a continuar tentando uma vez mais.

Aos fins de semana, com o giz para quadro que ganhava da professora, ajuntava suas bonecas e ursos e, com um livro nas mãos, na porta de madeira de seu quarto, escrevia as aulas. O interessante era que ela repercutia em seus brinquedos as frases que ouvia: “estudem para que possam ser alguém na vida”, “estude para não sofrer como sua mãe”, “estude para dar aos seus filhos, o que não pude lhe dar”, dentre tantas outras.

Quando dormia na casa de seus tios aos fins de semana, com um velho computador, digitava os trabalhos que sua tia lhe ditava. Eram os trabalhos dela da faculdade. Sua tia ficava muito cansada por conciliar o trabalho e o estudo, e mais uma vez, *Panaceia*, percebendo isso, colocava-se na posição de ajudar. A verdade era que ela gostava muito de fazer isso.

O tempo foi passando e, por toda sua vida, *Panaceia* queria ser professora ou cuidar das pessoas e dos animais. O coração dela pulsava mais forte, desde pequena, por essas áreas e qualquer uma dessas que escolhesse no futuro estaria perfeito. Em meio a tantos acontecimentos em sua vida, quando cursava o último ano do ensino médio, tudo mudou. Ela teve a oportunidade de conhecer a enfermagem e foi amor à primeira vista. Não teve como resistir. Estava ali o amor que tinha vindo para preenchê-la. A Enfermagem a havia escolhido. Ela não tinha condições financeiras para cursar, mas, por meio do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) conseguiu e, com seus olhos, pode contemplar, a cada aula, o quanto ela era feliz com sua escolha.

O ensino superior lhe exigiu muito a partir dos professores, da família e inclusive de si mesma. Realizou todos os cursos de extensão possíveis que anualmente a faculdade oferecia; realizou estágio extracurricular, na unidade de lesão de pele, na maternidade da Santa Casa e na Saúde Coletiva, seu grande amor. Ela também foi monitora de laboratórios e do núcleo de pesquisa. Por ser uma possibilidade, realizou várias pesquisas durante a graduação e defendeu seu Trabalho de Conclusão de Curso no terceiro ano. Ainda na graduação, participou de congressos, encontros, seminários, e uma pesquisa foi aceita para um encontro internacional, fora de seu estado de naturalidade. Ela nunca havia viajado de avião, logo, aproveitou e levou sua mãe consigo.

O último ano de graduação havia chegado para *Panaceia* e toda a insegurança surgiu, mas, como sua mãe sempre lhe dizia “Você só precisa tentar” foi isso que ela fez. Realizou o processo seletivo para o Mestrado... E que surpresa foi ver seu nome na lista de aprovados. Seu caminho tinha sido determinado antes da sua colação de grau. Ela sentou e chorou de alívio.

No Mestrado, pode vislumbrar um mundo que ainda não conhecia e percebeu que estava no lugar certo. Seus olhos se abriram e pode ver, um pouco além do mundo das sombras, como diria Platão. Mulher, jovem e recém formada na Pós-graduação. Não foi fácil, ela também enfrentou muitas barreiras e ouviu, mesmo que em suas costas, que seu lugar não era ali. Mas, como? Ela se questionou muitas vezes sobre as verdades que eram postas sobre ela e mais uma vez ela chorou, só que agora de tristeza. Embora houvesse os percalços, em cada leitura nova se sentia mais forte e feliz e foi, mesmo em meio às cobranças, aos deslocamentos, ao estágio como docente nas noites de segunda feira, às viagens de madrugada, às disciplinas cursadas e aos trabalhos. Acabou descobrindo a doçura no meio do caos. Durante todo esse processo, ela teve um suporte imensurável de sua família, em especial de seu pai, que a acompanhava em toda estrada; nessa época se tornaram ainda mais amigos.

Antes de defender sua dissertação, foi chamada para trabalhar na instituição em que tinha se formado para atuar na área em que sempre amou: a saúde coletiva. Com o passar do tempo, passou a lecionar outras disciplinas, mas a Saúde Coletiva permaneceu com ela até o fim desse seu ciclo. Nesses anos de atuação, foi professora homenageada. Em seu último ano, foi paraninfa e, no discurso, falou sobre mudanças, especialmente a de que a educação pode revolucionar uma vida, bem como sobre a importância de seguir seus sonhos, mesmo que a vida seja dura e se referiu a um trecho da música *Emoções*: “[...] *se chorei ou se sorri o importante é que emoções eu vivi [...]*” (Carlos; Carlos, 1981). Ela nem imaginava que seria sua despedida de lá como professora. Quando soube, sentou e chorou novamente, por ter a sensação de que escapava dela um sonho, que tanto havia lutado para conquistar.

No meio desse caminho, entrou para o Doutorado, mas não acabou por aí. *Panaceia* casou-se em 2022, mudou de cidade e de estado, de Minas para a grande capital do Rio de Janeiro, acompanhada somente por Deus e por seu marido. Por muitas vezes, a solidão e a tristeza bateram e ela se sentiu incapaz novamente em sua vida profissional por ter corrido demais para absolutamente nada. Chorou até os olhos arderem. O coração apertou e a cabeça se cansou de tanto pensar. Perto do amor de sua vida, mas longe do seu bem mais precioso, sua família, e de sua melhor amiga, sua irmã. Como é difícil.

Com tratamento para ansiedade em andamento, houve dias em que ela não teve forças para levantar da cama; escrever, muito menos. Tudo que queria era desistir. Foi diagnosticada com a síndrome do impostor e com transtorno depressivo/ansioso. Que dificuldade em saber dessa condição e não conseguir arrancar com suas próprias mãos suas dores. Mas ela carrega a frase de seu avô “Tudo passa, isso também vai passar”.

Realizou a primeira qualificação e tudo o que viera à mente foi aquela criança que, desde

muito cedo, não parou e foi sonhadora. Precisava cuidar dela e ainda acreditar em que tudo aquilo que ela imaginou era possível. Venceu tal etapa e, quietinha, chorou de alívio.

Próximo à segunda qualificação, outra mudança de cidade, da Capital do RJ, para seu interior, São Pedro da Aldeia. Agora parece que ele entendeu que a vida dela será perigrinar, pois optou acompanhar seu esposo, que agora é militar. Ela precisou de um tempo para entender novamente suas emoções e pensamentos sobre si. Confessou que olhar pra si e falar a verdade, mesmo que dolorida, não foi nada fácil. Em meio a esse turbilhão, ela se sente agradecida a Deus, que não a deixou desistir, seja dela ou de sua vida.

Com toda sinceridade, não deu crédito que seria aprovada em sua segunda qualificação, mas ali diante mestres renomados, em uma tarde quente em que o medo percorria suas espinhas, ela conseguiu vencer essa etapa e dessa vez seu choro foi diferente. Ao sair da sala se deparou com uma chuva e nuvens carregadas, e se permitiu molhar, com a esperança de que suas lágrimas fossem confundidas com as gotas e toda sua alma ficasse mais leve.

O ano de 2023 levou de *Panaceia* seu único bisavô e suas bisavós, sendo que a última foi no findar do ano, foi dolorido e ela saiu do interior do Rio de Janeiro para o Sul de Minas, sem mala alguma, mais uma vez, com o único objetivo de cuidar de sua família, principalmente sua avó. Nesse momento, ela percebeu que não era tão fraca, quanto achava ser.

Depois de anos planejados e construídos, chegou o dia da arguição final de sua tese, *Panaceia*, nos dias vinte e dois de Fevereiro, do ano de dois mil e vinte e quatro, às 16h30 da tarde, em uma quinta-feira, ela se tornou “Dr^a Enfermeira” e tudo para glória de Deus. Afinal, “Quem cultiva a semente do amor, segue em frente não se apavora, se na vida encontra dissabor, vai saber quando chegar sua hora” (Madureira; Bernini; Pilares, 2009).

Passados dez dias, de sua conquista tão esperada, ela perdeu sua avó paterna, mais uma vez, ajuntou o restante de seu fôlego e viajou do Rio para Minas, com a voz embargada de dor, para se despedir de uma pessoa doce, simples, humilde e com uma singularidade de amor incomparável. Logo pensou, que aquela senhora dos cabelos amarrados para trás com uma presilha, dona de uma risada contagiante, que compartilhava as tardes de café com prosas gostosas, permanecerá para sempre em seu coração. Sua avó se foi deixando o legado de que andar com os pés descalços, olhar a chuva molhar a terra, não dispensar uma boa comida em família não é perda de tempo e que ser simples e não esquecer de suas raízes é indispensável. O amor e a saudade nunca se vão, de fato.

Panaceia nasceu com o dom de cuidar e ninguém tira isso dela. Agora, percebe que é necessário também o cuidado de si e para si, um exercício por toda sua vida. Teve de (re)aprender a falar a verdade sobre si mesma e enxergar que o corpo e a mente também cansam,

possuem limites e que não é errado se sentir, algumas vezes, limitada, triste ou incapaz. Mas, por outro lado, percebe que tudo que é hoje, o que vive, o que pensa e o que trabalha arduamente para ser o que é são resultados das verdades que adquiriu como suas. São suas falas para os ursinhos: “estude”; é por sua mãe que a criou; pelo seu pai, por seus tios e avós, que a alicerçam; por sua irmã que ajudou a cuidar e afagar; pelo seu marido que fornece apoio, proteção e que não a deixa desistir; pelo seu orientador, que a acompanha desde a graduação e deposita doses de incentivo; por Deus, que a sustenta, guia e fortalece todos os dias, sussurando ao ouvido que Ele não vai desistir dela; pelas pessoas que precisam de acompanhamento psicológico, por a vida ter sido dura demais com elas; pelo povo brasileiro que precisa de incentivo para sonhar.

É por todas as pessoas que a fizeram ser o que ela é hoje, pois, por meio delas, com muito esforço, ela pode ir em busca das próprias verdades, algumas escritas aqui. É pelo estudo que proporciona transformações na vida das pessoas. É pelas mulheres jovens na pós-graduação. É pela Enfermagem, que precisa ser valorizada, e pelo futuro da pesquisa brasileira.

Por fim, aprendeu que a felicidade nunca esteve no fim do caminho, ou de uma estrada, mas ela está presente nas pequenas coisas, na saúde de sua família, no abraço do marido, nas páginas dos livros, na criatividade, nas emoções diárias, nos encontros em sala de aula, que ela sente tanta falta, e no por do sol seja nas montanhas de Minas ou no horizonte dos mares do Rio de Janeiro. O importante, nesse instante, é saber que *Panaceia*, não parou sua trajetória aqui.

Contei um pouco da minha história em uma terceira pessoa. Tal como *Panaceia*, a deusa da cura, aqui me represento, pois hoje compreendo que tudo passa, toda dor merece ser sentida, ressignificada e todos merecem o processo da cura. Minha trajetória comprova que, entre mudanças e livros, me reinvento todos os dias. As próximas linhas da minha vida ainda serão escritas, no entanto, o que ainda posso afirmar é que sou “caçador de mim” e que “*Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim*”(Magrão; Sá, 1981).

1 “VOU DESCOBRIR O QUE ME FAZ SENTIR”

“Vou descobrir o que me faz sentir,
Eu caçador de mim”
(Magrão; Sá, 1981).

No decorrer da pesquisa, haverá menção de trechos da música *Caçador de Mim*, de Sérgio Magrão e Luiz Carlos de Sá, cantada e gravada por Milton Nascimento, em 1981. A música é uma forma sublime de poesia e a escolha por tal poesia passa por proporcionar reflexões profundas e que acompanham a autora. O memorial tem como título “A vida me fez assim”, em alusão aos caminhos trilhados pela autora e que repercute em seus dias. O primeiro capítulo sobre a introdução “Vou descobrir o que me faz sentir”, nada mais é que a abertura de uma pesquisa científica e também de uma busca de conhecimento de si, da compressão de mundo que abarca o sujeito de uma pesquisa, também das dores para compreender as interrogações.

Assim, o segundo capítulo, intitulado “Preso a canções, entregue às paixões”, se refere à metodologia traçada nesta pesquisa; no sentido de que a canção nos faz entregarmos às paixões. Por isso, os métodos são necessários para que, de maneira sistemática, haja o deleite nos discursos e nas discussões.

O terceiro capítulo apresenta a *parrhesía* na filosofia grega, partindo desde a Antiguidade. Nele também são abordadas as conceituações Sócrática e Platônica do termo, que é compreendido como um modo de vida, e a aplicabilidade em Michel Foucault, que considera como o modo franco de falar a verdade, principalmente atavessado pelo cinismo.

A seção recebe por título “Abrir o peito à força”. Para a Filosofia, a busca pela verdade deve ser uma constante e parece ser o seu papel abrir a alma à força. Aqui, de alguma forma, aproveita-se o “Abrir o peito à força” por acreditar que o corpo, sensível, ligado à alma, soma forças “numa procura” para “fugir às armadilhas da mata escura” na busca pelas verdades. Portanto, este capítulo apresenta a *parrhesía*, a verdade, na Filosofia, para Sócrates/Platão e Foucault.

O quarto capítulo “Longe do meu lugar”, trata sobre o contexto histórico, daquilo que vem de longe, que pertence à história da humanidade e que reverbera na autora. Nesse caso, por meio da enfermagem em sua hospitalidade enquando ciência do cuidado. Nele, é tratado a respeito da evolução histórica da enfermagem, compreendendo-a até os dias atuais. Esse capítulo contém um tópico que se desenvolve em torno da ética na enfermagem. Adentra o Código de Ética de Enfermagem em que se discute as aplicabilidades do Código na

parrhesía; e recebe como título “Caçador de mim”, pois é necessário parar e refletir sobre as ações, inclusive enquanto profissionais, e, por vezes, se distanciar do que acredita-se ser uma verdade e recorrer ao código de ética da profissão, buscando resguardar nas práticas de cuidado em Enfermagem.

O quinto capítulo, “Nada a fazer senão esquecer o medo”, trata sobre as discussões obtidas pelos discursos dos educadores em enfermagem. Recebe esse título por acreditar que o sujeito docente deve cuidar de si e enxergar a *parrhesía* como um “modo de vida” e optar pela verdade, esquecendo-se de seus medos. Mesmo que essa seja uma prática difícil, não se pode desistir.

A pesquisa finaliza com as considerações finais, os resultados discutidos e trabalhados no decorrer dele e fornece reflexões para novos estudos, envolvendo a temática.

A proposta para esta pesquisa ocorreu a partir das aulas do Doutorado em Educação pela Universidade São Francisco. Nelas, houve o despertar pelo interesse da temática em observar possíveis práticas de *parrhesía* enquanto práticas de falar a verdade e vivê-la, de certa maneira, como possível “modo de vida” enquanto prática docente referente aos educadores de enfermagem.

Há diversos referenciais que tratam sobre a *parrhesía*. Contudo, por escolher trabalhar com ela sob o aspecto de “modo de vida”, optou-se por dois principais autores para discorrer e discutir: Platão/Sócrates e Foucault. Sócrates (471-399 a.C.), filósofo, cujos pensamentos e ações ecoam até os dias de hoje ao fornecer fundamentos para novos saberes e discussões. A verdade, para ser compreendida, deve considerar a realidade social em que está posta:

O pensamento dialético afirma que nunca há pontos de partida absolutamente certos, nem problemas definitivamente resolvidos; afirma que o pensamento nunca avança em linha reta, pois toda verdade parcial só assume sua verdadeira significação por seu lugar no conjunto, da mesma forma que o conjunto só pode ser conhecido pelo progresso no conhecimento das verdades parciais. A marcha do conhecimento aparece assim como uma perpétua oscilação entre as partes e o todo, que se devem esclarecer mutuamente (Goldmann, 1967, p. 5-6).

A problemática de Sócrates aponta para a dialética como uma ferramenta indispensável nos campos sociais da atualidade e isso se aplica inclusive na educação. Embora não tenha deixado em punho, seus pensamentos ultrapassaram e marcaram a Filosofia na Idade Clássica e garantiram inúmeros fundamentadores. Michel Foucault é um desses que desenvolve suas teorias partindo de Sócrates por meio de Platão.

Sócrates abordou a aplicação da *parrhesía* principalmente ao se referir ao governo de si

no sentido de poder governar os outros pela *pólis* Atenas. Para ele, era indispensável o falar franco, sem temer as consequências, diante a situação vivenciada. Com o passar do tempo, ela foi sendo compreendida como algo além do falar voltado aos outros, pois era necessário dizer a verdade sobre si mesmo (Meireles; Araldi, 2017).

A *parrhesía* é retomada por Foucault na obra *Hermenêutica do Sujeito*, ao visar a autonomia do outro, embasado em dois grandes pilares indispensáveis: o *Êthos*, enquanto modo de viver diante a moral, e a *Tékhne*, o procedimento técnico em si:

O objetivo da *parrhesía* é fazer com que, em um dado momento, aquele a quem se endereça a fala se encontre em uma situação tal que não necessite mais do discurso do outro. De que modo e por que não necessitará mais do discurso do outro? Precisamente, porque o discurso do outro foi verdadeiro. É na medida em que o outro confiou, transmitiu um discurso verdadeiro àquele a quem se endereçava que este então, interiorizando este discurso verdadeiro, subjetivando-o, pode se dispensar da relação com o outro (Foucault, 2004, p. 458).

Inicialmente, Foucault atribuiu as práticas de *parrhesía* às práticas de conversão da Antiguidade. Entretanto, ele não esgotou o assunto, mas atrelou a *parrhesía* com outros eixos de subjetividade dentro da sociedade:

Seria preciso examinar também de que modo este elemento da conversão foi pouco a pouco sendo validada – depois absorvida, depois enxugada e enfim anulada – pela própria existência de um partido revolucionário. E de que modo passamos do pertencimento à revolução pelo esquema de conversão ao pertencimento à revolução pela adesão a um partido. Sabemos que hoje em dia, em nossa experiência cotidiana [...]. Só nos convertemos à renúncia à revolução. Os grandes convertidos de hoje são os que não crêem mais na revolução. Bem, haveria aí, enfim, toda uma história a ser feita (Foucault, 2004, p. 257).

Foucault, percorre uma sequência de abordagens distintas durante seu percurso filosófico:

Foucault realiza um exercício histórico-filosófico grandioso ao percorrer a Filosofia Clássica e as escolas menores filosóficas (epicurismo, estoicismo e cinismo) para construir uma espécie de prática filosófica compromissada com a transformação dos sujeitos, com uma espécie de ato de esculpir a própria vida como obra de arte (Pereira; Vicentin, 2021, p. 10).

Em *A Coragem da verdade*, Foucault se debruçou em abordar sobre a filosofia grega como os epicuristas relacionados à comunidade, os estóicos e suas ações privadas e os cínicos, que buscavam a levar a vida como um exemplo a ser deixado. A partir disso, emerge a *parrhesía* cínica em Foucault, que relaciona e problematiza a verdade da Antiguidade com a ética no presente:

Por atitude, quero dizer um modo de relação que concerne à atualidade; uma escolha voluntária que é feita por alguns; enfim, uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e se conduzir que, tudo ao mesmo tempo, marca uma pertinência e se apresenta como uma tarefa. Um pouco, sem dúvida, como aquilo que os gregos chamavam de *êthos* (Foucault, 2005, p. 341).

Para Foucault, a *parrhesía* deriva do termo *parrhesíazesthai*, que quer dizer *pan* (tudo) e *rhema* (o que é dito), ou seja, falar a verdade sobre tudo (Foucault, 2003, p. 36). O autor desenvolve, principalmente em seu terceiro domínio¹, a questão sobre o “falar a verdade”, que era uma técnica de cuidado de si, e era necessário ultrapassar as barreiras impostas pelo próprio sujeito para se permitir mudar, moldar e transformar, a partir das suas verdades, considerando que não existe uma verdade absoluta, mas são as verdades estabelecidas pelo sujeito que os constitui. Para Foucault a *parrhesía* era tratada pelo Cinismo², mas não se limitava a ele (Foucault, 2011).

De acordo com Foucault (1996), a verdade está ligada às relações de poder. Dessa forma, ele acredita que não há verdade se não houver poder. Assim, a verdade é construída por meio das relações de poder e, para ele, não existe uma verdade absoluta e universal (Foucault, 1996).

Guardados os distanciamentos entre os pensamentos socráticos e foucaultianos, pode-se afirmar que os dois possuem pontos fundamentais em comum. Um deles é que a verdade é fruto de seu meio e que ela não é universal:

é a atitude *parresiástica*, a que tenta, justa, obstinadamente e se sempre recomeçando, reconduzir a propósito da questão da verdade, a das suas condições políticas e a da diferenciação ética que abre o seu acesso a ela; que perpetuamente e sempre traz, a propósito da questão do poder, a da sua relação com a verdade e com o saber, por um lado, e com a diferenciação ética, por outro; é, enfim, a que, a propósito do sujeito moral, traz sem cessar a questão do discurso verdadeiro em que esse sujeito moral se constitui e das relações de poder em que esse sujeito se forma. São esses o discurso e a atitude *parresiásticas* em filosofia: é o discurso ao mesmo tempo da irredutibilidade da verdade, do poder e do *êthos*, e ao mesmo tempo o discurso da sua necessária relação, da impossibilidade onde estamos de pensar a verdade (*alétheia*), o poder (*politéia*) e o *êthos* sem relação essencial, fundamental uns com os outros (Foucault, 2010, p. 58)

¹ Compreensão de Alfredo Veiga-Neto (2007).

²No quadro geral da estética da existência, da busca de uma existência bela na forma da verdade e do dizer a verdade, Foucault situou uma discussão sobre o Cinismo — uma filosofia na qual o modo de vida e o dizer-a-verdade estão direta e imediatamente ligados. “Em linhas gerais, o Cinismo caracteriza-se por não se contentar apenas com uma correspondência ou harmonia entre um tipo de discurso e um modo de vida conforme aos princípios enunciados por esse discurso. O vínculo entre modo de vida e verdade é muito mais preciso: o Cinismo faz da própria vida, da própria existência” (Stenico, 2017, p. 115).

Considerando essa perspectiva, é imprescindível ressaltar que esta pesquisa se embasa primordialmente na *parrhesía* sob o viés adotado por Sócrates, como “modo de vida”. No entanto, a *parrhesía* está aberta a explorar conceitos foucaultianos relacionados ao tema, desde que não se afastem do que se defende e assume.

Com isso, este estudo pretende, a partir das entrevistas dos discursos dos educadores de enfermagem, desenvolver um diálogo em especial com Platão/Sócrates, sobre o “modo de vida socrático”, e com Foucault, sobre possíveis práticas que possam corresponder algum movimento de cuidado de si e do outro, envolvendo as possíveis práticas *parrhesiásticas* dos profissionais de educação em Enfermagem.

A Enfermagem é uma ciência que exige enfrentamentos diários, desde o momento em que uma pessoa nasce até sua morte; mais: ser enfermeiro é cuidar da pessoa, da família e da coletividade nesse processo de vida, o que torna a profissão ainda mais desafiadora.

A profissão de Enfermagem é, e foi muitas vezes, colocada em um lugar de subversão. Tentaram e tentam calar a classe. Isso é evidente quando se tem notícias de trabalhos exaustivos, casos de Síndrome de Burnout³ e índices altos de doenças psíquicas, como a depressão e a ansiedade como consequências de jornadas de trabalho densas e intensas, da necessidade de dois turnos para complemento de renda, das condições precárias de trabalho, percebidas pela falta de equipamentos para proteção individual, pela falta de reconhecimento, pela carência de apoio para o estabelecimento do teto salarial e pelas diversas mortes por suicídio e perdas irreparáveis por contaminações.

Ao mencionar as contaminações, não se pode esquecer da quantidade de enfermeiros que faleceram devido à COVID-19. Naquele momento tão difícil para o mundo, a Enfermagem não parou, pelo contrário, manteve-se na linha de frente do combate à pandemia que desolou e nos arrancou pessoas que amávamos. Os enfermeiros lidaram com o medo de contaminar as respectivas famílias e, por isso, optaram, muitas vezes, por distanciar de quem mais amavam para protegê-los. As instituições de Educação em Saúde foram chamadas para a atuação em conjunto com seus alunos, ou seja, o professor educador saiu de seu lar, em conjunto com os acadêmicos de enfermagem, para o campo profissional com o único objetivo de salvar vidas.

Ao atuar como educadora de enfermagem, eu tive a oportunidade de vivenciar diversas experiências, além de se deparar com embates da Enfermagem na mídia, que levavam a um conflito interno, como por exemplo: qual o momento ideal de ensinar o aluno, sabendo que ele está lidando com vidas? Ao mesmo tempo, como saber dosar as palavras longe ou, até mesmo,

³Doença desenvolvida pelo excesso de trabalho e/ou em decorrência dele.

perto do paciente? Na maioria das situações, conseguia discutir o procedimento com o aluno, passar segurança e, até mesmo, saber como abordar o paciente, caso houvesse um imprevisto. Contudo, o que fazer em uma situação de emergência? E quando o tempo não permite? Em conjunto a tudo isso, todos os seres humanos estão passíveis de cometer erros. Não dominamos todos os meios em absoluto. E se esse erro prejudicar a vida de um ser humano? Se, diante do excesso de trabalho, em turnos de revezamento, de alunos em supervisão e da necessidade do trabalho como sustento, ocorrer algum acidente que envolva a segurança, a saúde de pacientes e/ou de alunos, deve-se contornar ou contar a verdade aos superiores?

A partir dos fatos narrados e das disciplinas da Universidade São Francisco (USF), surgiram questionamentos: será que todos os profissionais tem tais embates vívidos consigo mesmo tendo o risco da perda de um trabalho? Pensam na vida do outro em risco? Essas foram algumas inquietações.

Para as análises dos resultados, esse estudo apresenta caráter de cunho qualitativo, que investiga de forma descritiva o ponto de vista de docentes de enfermagem em uma faculdade no interior de Minas Gerais. Utilizamos entrevistas semiestruturadas para obter conteúdos, que foram analisados de maneira reflexiva e embasados em teorias filosóficas como as de Platão/Sócrates e Foucault, com ênfase na *parrhesía*. Tais traços metodológicos serão abordados com maior profundidade, no próximo tópico.

Para maior compreensão da temática, foi realizado um levantamento do estado do conhecimento para elencar possíveis trabalhos na área. Utiliza-se o conceito de estado do conhecimento, por ele proporcionar possibilidades de aprofundamentos em um dado tema, de acordo com, Romanowski e Ens (2006, p.39):

[...] podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada.

Optou-se pelos descritores: *parrhesía*; Educação; Docência em Enfermagem. Escolheu-se esses termos que estivessem na língua portuguesa e que compreendesse o período de janeiro de 2009 a maio de 2023. Justifica-se o período de 2009, pois foi o ano em que ocorreu a tradução da obra *A Coragem da Verdade* para o Brasil. Já 2023, por ser o ano da confecção desta pesquisa.

Ao realizar os levantamentos do estado de conhecimento sobre a *parrhesía* e suas possíveis práticas dos educadores de enfermagem, notou-se que não há estudos realizados na área pretendida de investigação. Foram realizadas pesquisas nos seguintes bancos de dados, dentre teses, dissertações e estudos publicados: Banco de dados da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e no *Scientific Eletronic Library Online (Scielo)*, o que justifica sua relevância científica.

No Banco de dados da CAPES, ao pesquisar somente o descritor *parrhesía*, foram encontrados 48 estudos, mas, ao utilizar os descritores *parrhesía and Educação and Docência em Enfermagem* foram encontrados apenas três, que não se encaixam no estudo pretendido.

No BVS, a partir dos filtros estabelecidos somente com o descritor de *parrhesía*, foram percebidos 25 estudos, sendo somente 12 deles em português; nenhum era compatível com a pesquisa. Quando aplicado os três descritores propostos neste estudo não se obtiveram resultados.

Por fim, na *Scielo*, quando se buscou por *parrhesía*, encontrou-se 37 estudos, sendo 17 em língua portuguesa, mas nenhum aproximou da proposta da tese. Fazendo uso dos três descritores da pesquisa, nenhum estudo foi encontrado.

Com o objetivo de aprofundar as pesquisas, foram colocados, nos bancos de dados mencionados, os descritores sem assinalar a opção “língua portuguesa” nos filtros, deixando livre a busca, mas não se obteve resultado algum. Além disso, foi pesquisada a temática diretamente no *Google Acadêmico*, com resultado de 15 artigos. Entretanto, nenhum envolvia a prática da *parrhesía* do enfermeiro educador, mas somente do enfermeiro em situações clínicas diante algum processo de doença, ou do educador sem ter a formação de enfermeiro.

Optou-se por utilizar o termo grego como um descritor na pesquisa (*parrhesía*) por se aproximar mais das leituras de sua origem. Entretanto, para ampliar a chance de resultados em função da grafia adotada pelos autores, foi também realizada a busca do termo *parresía*. Ainda assim, obteve-se apenas dois estudos na área, os quais, ao serem lidos, não correspondiam à temática pretendida, como mostra a tabela abaixo:

Quadro 1 - Estudos da *Parresía* e da Enfermagem

Título	Palavras-Chave	Acesso	Resumo
A parresía como experiência formativa voltada aos profissionais da saúde	Formação de profissionais de saúde; Filosofia da Educação;	< https://www.scielo.br/j/icse/a/GnS7d7XMF4PPBFkLsDYwRBD/?1	O modelo cartesiano trouxe um abate filosófico intenso. Recorreu nesse estudo principalmente a Gadamer e Foucault, para discutir a

	Parresía	ang=pt>	necessidade do falar franco nas ações em saúde.
O exercício da parresía por enfermeiros no cuidado às mulheres em situação de violência doméstica	Violência contra Mulher; Ética; Cuidados de Enfermagem; Pahessia	< https://www.sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0eef95b97cd6476ffd10b274b3f2690a.pdf >	O estudo trata-se da necessidade do enfermeiro, que atua na unidade primária de saúde, exercer a prática de falar a verdade sobre a violência doméstica enfrentadas por mulheres.

Fonte: Elaborada pela autora (2023)

A relevância científica se dá por se tratar da ética em um ambiente profissional voltado à saúde e à vida. A relevância profissional se justifica, primeiramente, por tratar-se da profissão da autora e por ser extensiva ao demais profissionais e promover uma maior reflexão sobre as práticas do educador enfermeiro. A relevância social advém no sentido de que, ao término da pesquisa, este trabalho possa proporcionar reflexões aos enfermeiros e aos futuros enfermeiros sobre práticas *parhesiásticas*, o que certamente envolve o cuidado de si e do outro.

Quanto à problemática, os questionamentos da pesquisa que emergiram são: é possível o educador em enfermagem, na atualidade, praticar a *parrhesía*? É possível que ele possa ser um sujeito *parrhesíasta*?

O objetivo geral da pesquisa consiste em investigar possíveis práticas da *parrhesía* dos quatro educadores de enfermagem sujeitos da pesquisa. O objetivo específico pretende problematizar as possíveis aplicabilidades da *parrhesía* na docência em enfermagem.

O próximo capítulo trata sobre a metodologia adotada na pesquisa.

2 “PRESO A CANÇÕES, ENTREGUE ÀS PAIXÕES”

“Preso a canções, entregue às paixões
que nunca tiveram fim”
(Magrão; Sá, 1981).

Neste capítulo, serão abordados a metodologia da pesquisa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, com análise reflexiva através dos discursos obtidos de entrevistas semiestruturadas, de quatro sujeitos participantes da pesquisa, docentes de enfermagem em uma faculdade do interior do estado de Minas Gerais, juntamente com os pressupostos teóricos, em especial de Platão/Sócrates e Foucault, sobre a *parrhesía*. Define-se como qualitativa:

[...] ressalta a diversidade existente entre os trabalhos qualitativos e enumera um conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa desse tipo, a saber: O ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; O caráter descritivo; O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; Enfoque indutivo (Godoy, 1995, p. 62).

Além disso, a pesquisa qualitativa passa a ter inúmeros significados no campo das ciências sociais, inclusive na educação:

Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (Maanen, 1979, p. 520).

Com a pesquisa qualitativa, pretende-se, então, investigar, considerando a diversidade das entrevistas dos sujeitos sem, ao menos, menosprezar as particularidades dos discursos colhidos. Já quando delimitamos a pesquisa como exploratória, pretende-se investigar com maior profundidade a temática para se obter uma visão ampla do assunto e, ao mesmo tempo, delimitar a temática escolhida. De acordo com Gil (2002, p. 100):

A pesquisa exploratória tem por objetivo aprimorar hipóteses, validar instrumentos e proporcionar familiaridade com o campo de estudo. Constitui a primeira etapa de um estudo mais amplo, e é muito utilizada em pesquisas cujo tema foi pouco explorado, podendo ser aplicada em estudos iniciais para se obter uma visão geral acerca de determinados fatos.

Para finalizar, a pesquisa possui traços descritivos. Pedroso, Silva e Campos (2017, p. 1) destacam que:

A pesquisa descritiva tem como objetivo descrever um fenômeno ou situação

em detalhe, permitindo abranger com clareza as características de um indivíduo, um grupo ou uma situação, bem como desvendar a relação entre os eventos. Tem por finalidade observar, registrar os fenômenos sem se aprofundar. Neste caso a pesquisa deverá apenas descobrir a frequência que funciona o sistema, método, processo ou realidade operacional. Este modelo de pesquisa é usado quando a intenção do pesquisador é conhecer a comunidade, suas características, valores ou problemas relacionados á cultura.

Ainda quanto à pesquisa descritiva, podemos afirmar que ela tem como objetivo revelar as peculiaridades de uma determinada população ou fenômeno. Ela busca estabelecer conexões entre variáveis e compreender a sua essência. Segundo Silva e Menezes (2001, p. 21):

a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento.

Foram colhidos depoimentos de quatro educadoras de enfermagem de uma instituição de ensino superior privada, localizada no interior do estado de Minas Gerais. Foi utilizado um depoimento para o pré-teste, incluído em sua amostra final. O pré-teste é de indiscutível importância, pois ele tem como função avaliar as condições de compreensão do instrumento de pesquisa e possível readaptação, se necessário, antes da coleta dos outros sujeitos. Não houve necessidade de ajuste das perguntas para os demais sujeitos após a aplicação do pré-teste.

Como critério de inclusão, foram adotados: ser enfermeiro(a) docente e estar atuando na instituição de ensino. A escolha foi realizada de modo aleatório, desde que se enquadresse nos critérios de inclusão.

Os dados foram colhidos através de um gravador portátil, em entrevistas com apoio de questionário semiestruturado, também foi utilizado, a fim de delimitar o público de estudo , outro instrumento que conteve informações sócio-demográficas dos sujeitos participantes.

A coleta foi previamente marcada pelos próprios sujeitos de acordo com a sua disponibilidade, nas dependências da instituição, em suas respectivas salas. Após as transcrições dos dados, os discursos foram devolvidos aos sujeitos voluntários que deram um parecer positivo para o desenvolvimento da análise, ou seja, não houve contestação e a transcrição foi fidedigna com a coleta.

A estruturação é indispensável, pois, por ela, pode-se obter dados que possibilitem uma melhor discussão, aprofundamentos e parâmetros que contêm as seguintes perguntas: Sexo, idade, anos em que exerce a profissão como educador de enfermagem, se possui algum tipo de especialização, qual é ela, em caso positivo e se exerce outro exercício de sua profissão, além do ser educador em enfermagem.

A privacidade e o anonimato dos sujeitos foram preservados e seus respectivos nomes, resguardados por meio do uso de pseudônimos. A coleta só ocorreu após o parecer favorável de aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade São Francisco (USF), aprovado por meio do CAAE: 63420622.9.0000.5514. Os dados da pesquisa serão conservados com a pesquisadora responsável, por um período de cinco anos.

Os dados colhidos foram analisados por meio de uma análise interpretativa reflexiva, seguindo os pressupostos teóricos filosóficos sócratico-platônico, sendo transpassado pelos conceitos foucaultianos sobre a *parrhesía*. Optou-se, principalmente, por embasar nas concepções de *parrhesía* como um modo de cuidado de si e de seus conceitos sobre o discurso.

De acordo com Foucault, para que uma análise discursiva seja possivelmente realizada é indispensável levar em consideração cada fator constituinte desse discurso, partindo do micro para o macro determinante. Assim, o discurso pode ser definido como:

Conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (Foucault, 1995, p. 136).

Uma análise de viés foucaultiano vai além daquilo que está imposto sobre os olhos. Ele não é óbvio, mas sim ultrapassa-o, por isso a real necessidade de investigar os discursos nas condições em que eles são colocados, levando em consideração o sujeito e sua singularidade, sabendo que o discurso nunca está vazio ideologicamente. De acordo com essa fala, Fisher (2001, p. 198) afirma que:

Para Michel Foucault, é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar. E a primeira tarefa para chegar a isso é tentar desprender-se de um longo e eficaz aprendizado que ainda nos faz olhar os discursos apenas como um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto [...].

Tendo essa base para a estrutura de análise metodológica, os dados estão apresentados durante o corpo de análise e de discussão em recortes dos discursos que mais favorecem uma relação com os princípios teóricos já mencionados a fim de que os objetivos sejam alcançados. Ressalvando que, não foram utilizados todos os trechos discursivos, mesmo assim, eles serão guardados com a pesquisadora para futuros estudos e análises.

A pesquisa estará de acordo com a Resolução 466/2012, 510/2016 e a 506/2016, no que refere à Resolução 466/2012, a qual considera que:

[...] a ótica do indivíduo e das coletividades, referenciais da bioética, tais como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, e visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado (Brasil, 2012).

A pesquisa também seguirá a Resolução 506/2016 que segue como estabelecido no art.

1º:

[...] Esta Resolução estabelece os critérios para o processo de acreditação de CEP do Sistema CEP/Conep, em instituições públicas e privadas. A tramitação do protocolo terá como base a gradação e a tipificação dos riscos definidas em norma própria, com critérios estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), decorrentes das atividades de pesquisa envolvendo seres humanos. (Brasil, 2016).

A resolução 510/2016 fundamenta-se no princípio em que a ética nada mais é do que uma construção humana, por isso, deve prezar pelo “respeito e garantia do pleno exercício dos direitos dos sujeitos, devendo ser concebida, avaliada e realizada de modo a prever e evitar possíveis danos aos sujeitos” (Brasil, 2016). Dessa forma, tem-se a real necessidade da existência dos Conselhos e dos Comitês de Ética em Pesquisa para assegurar aos sujeitos a dignidade humana.

Esta pesquisa segue os preceitos estabelecidos, as diretrizes e as normas por envolver seres humanos em pesquisas, de acordo com a Resolução 510/2016, 506/2016 e 466/12 do Conselho Nacional da Saúde, que atualiza as Resoluções 196/96, 303/2000 e 404/2008.

Também foi produzido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias, uma pertence ao sujeitos da pesquisa e a outra, ao pesquisador responsável. O sujeitos tiveram total liberdade de se recusar ou de desistir da participação do estudo, mesmo que esse já tivesse iniciado.

Por fim, mas não menos importante, foi respeitado o anonimato dos sujeitos os quais serão identificados, respeitando sua privacidade e anonimato, por meio do uso de pseudônimos de deuses gregos. Optou-se por esta estratégia porque os pensamentos socráticos advêm dos gregos e iniciaram a implicação da *parrhesía*.

Cabem aqui, alguns esclarecimentos, Apolo era cultuado por ser o deus da cura, embora ele tivesse outros atributos, como a medicina, a inspiração e a juventude. Em alguns lugares, Apolo era adorado junto com um deus menor na Antiguidade grega, que era Asclépio e este, com o decorrer dos anos, acabou por receber todos os templos e cultos que eram de Apolo. Durante a Guerra de Tróia, saiu vitorioso, com isso, passou a ser visto como um herói e um deus da medicina (Silveira; Mascia; Azeredo, 2020).

Acredita-se que Asclépio tenha vivido por volta de 1200 a.C. durante a Guerra

de Troia e se tornado herói. Por isso, depois, com o passar dos séculos, tornou-se um herói/divinizado, um deus da medicina. Na versão de Píndaro, Asclépio era filho do deus *Apolo* e da bela *Corônís* [...]. Sendo infiel a *Apolo*, *Corônís* embora grávida, uniu-se com um mortal. *Apolo* apaixonado, sabendo da traição, puniu-a com a morte e *Ártemis*, a pedido do irmão, alvejou-a com as suas flechas. *Corônís* antes de morrer disse a *Apolo* que ela certamente merecia o castigo, no entanto, ele devia ao menos ter esperado que o seu filho nascesse. Arrependido e, mesmo sendo um deus, nada pôde fazer à amada e, quando ia cremá-la na pira, não suportando a dor, talvez para amenizá-la, ele abriu o ventre da amada (espécie de cesariana) e retirou a criança que ainda estava viva e confiou esta a *Quíron*. O Centauro educou a criança e ensinou-lhe a medicina. Com extrema habilidade, o jovem logo aprendeu a arte médica. O jovem Asclépio curava muitas pessoas e inclusive ressuscitava os mortos. *Hades* (deus dos mortos), irritado com tudo isso, exigiu que *Zeus* o punisse. *Zeus*, preocupado com a ordem natural das coisas, com um raio tirou-lhe a vida. No entanto, compadecido com *Apolo*, *Zeus* ascende Asclépio ao céu e o transforma na constelação de Ofiúco. A partir de então, Asclépio visitava os necessitados através dos “sonhos” e as curas aconteciam, pois ele havia se tornado um herói divino (Silveira; Mascia; Azeredo, 2020, p. 292).

Zeus vendo o sofrimento de seu filho (*Apolo*), transformou Asclépio em uma constelação chamada de Ofiúco. Com isso, Asclépio visitava as pessoas necessitadas de cura por meio dos sonhos. Antes de morrer, ele era casado com *Epione*, a deusa da suavidade da dor, como refere o trecho abaixo:

Conta-se que Asclépio era casado com *Epione* (Personificação da calma e suavidade da dor), tiveram dois filhos *Macáon* e *Podalírio* (citados na *Ilíada* por Homero, como médicos dos Aqueus na Guerra de Troia) e cinco filhas, *Áceso* (Personificação do cuidado), *Egleia* (P. da beleza), *Higéia* (P. da Higiene e saúde), *Íaso* (P. da cura) e *Panaceia* (P. da cura universal) (Silveira; Mascia; Azeredo, 2020, p. 293).

Neste estudo, foram escolhidos pseudônimos gregos de deusas, devido ao fato de os sujeitos da pesquisa serem do sexo feminino. A esposa de Asclépio e suas filhas em ordem cronológica, tanto das deusas quanto das sujeitos, e seu significado relacionado à saúde, ao cuidado ou à cura: *Epione*, *Áceso*, *Higéia* e a *Íaso*.

Os enunciados obtidos nas entrevistas foram analisados por fragmentos. Para Foucault, de acordo com Fisher (2001, p.198), o enunciado é “um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”, ou seja, ele nunca está vazio ideologicamente:

[...] é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar. E a primeira tarefa para chegar a isso é tentar desprender-se de um longo e eficaz aprendizado que ainda nos faz olhar os discursos apenas como um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto [...]

(Foucault, 1995, p.32).

Por sempre estar preenchido por razões construtivas, é necessário que o pesquisador compreenda que, dos discursos, emergirão conteúdos ricos, mesmo que não ditos. Por isso, é importante também para o pesquisador valorizar aquilo que não está dito e o que não está posto sob os olhos.

Embora a totalidade dos sujeitos da pesquisa são do gênero feminino, optou-se pela utilização do termo “sujeito”, ao invés de “a(s) participante(s)”. Essa abordagem foi escolhida baseando-se nos autores abaixo, ao referirem sobre a alteração da Resolução 196/1996 para a 466/2012, quanto às pesquisas científicas que envolvem a vida humana. De nossa parte, optamos por esta via e frisamos o termo “sujeito”, ao invés de “participante da pesquisa”, pois escreve os autores Silveira e Agostini (2017, p. 549):

No Brasil, o cuidado com pesquisas envolvendo seres humanos teve sua primeira resolução em 1988, a partir do Conselho Nacional de Saúde (CNS), órgão vinculado ao Ministério da Saúde (MS), a qual não foi tão efetiva. Diante disso, intensos trabalhos foram realizados culminando na Resolução 196/1996 que definiu a criação e a consolidação do sistema brasileiro de ética em pesquisa, através do sistema: Comitê de Ética em Pesquisa/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CEP/Conep).

Na Resolução 196/96, entendia-se as pessoas como sujeito. Já a 466/2012 adentra o mercado neoliberal, em que pessoas vulneráveis, financeiramente e socialmente passam a fazer parte, desde então, como objeto de pesquisa.

[...] a necessidade de se viver a *bíos*, ante as diversidades culturais, econômicas e sociais, muitas pessoas vulneráveis põem em risco a própria *bíos* em troca de algum pagamento, remuneração ou retribuição (pouco importa o termo), e que, para alimentar o corpo e sua *bíos*, se submetem aos serviços do *logos* científico, econômico e financeiro. Um novo *balbus*, sem ou (con)sentido, agora voluntário, autônomo, dá continuidade à história da (des)humanidade. Seu grito abafado ecoa; é preciso ouvir seu lamento e protesto (Silveira; Agostini, 2017, p. 577).

Em razão de tal termos que promove subterfúgios e manobras com o mercado quanto à pesquisa científica em que envolve a vida de pessoas sádias (Fase I e Bioequivalências), optamos por sujeitos. Os autores ainda frisam que:

Assim sendo, o participante da pesquisa (esclarecido), portador do princípio da autonomia, participante hígido, assina um termo chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual declara que obteve informações sobre a pesquisa e que, voluntariamente, dizemos *voluntarius* (con)sentido (?), dá ciência de sua participação. No entanto, é importante lembrar que citado participante saudável não é e não deveria ser uma pessoa fora de um contexto histórico, social, cultural e principalmente econômico, o qual é vulnerável devido a tantas desigualdades. Dessa forma, a autonomia (como paradigma ético) não basta; é necessário repensá-lo (Silveira; Agostini,

2017, p. 553).

A seguir, iremos para o capítulo 3 em que será tratado sobre a *parrhesía*, partindo dos conceitos Foucaultianos e Sócrático/Platônicos.

3 “ABRIR O PEITO A FORÇA”

“Abrir o peito a força, numa procura
na mata escura”
(Magrão; Sá, 1981).

Este capítulo se propõe a discutir sobre a *parrhesía* quanto à filosofia nas perspectivas estabelecidas por Sócrates/Platão e Foucault.

É amplamente aceito que Sócrates era visto como um opositor da democracia, criticando severamente os ideais e as instituições atenienses e seus respectivos líderes. De fato, várias fontes antigas confirmam que o filósofo era crítico do sistema de governo de sua cidade. No entanto, esta pesquisa não se remete à posição política do Sócrates; em vez disso, ocupa-se da abordagem que envolve os diálogos iniciais de Platão, com o enfoque no princípio como uma espécie de “liberdade de expressão”, destacando a noção de *parrhesía*, a fala franca e o exercício da crítica como valores que moldaram a filosofia socrática e nos quais o pensador fundamentou aspectos centrais de sua investigação filosófica (Vlastos, 1995).

O cidadão grego na *polis*, de acordo com Silveira e Agostini, (2017, p. 540), se configurava, como:

[..] o portador da razão, do *logos*, pelo qual se criaram as bases estruturantes da filosofia ontológica do centro. Tal ontologia surgiu da experiência de dominação do outro, reforçado pelo *logos* do discurso dessa verdade. Não obstante, nesse mundo civilizado, esse discurso do qual não era possível participar devido à natureza inferior, encontrava-se o bárbaro na periferia do centro ontológico, bem como na organização espacial da cidade.

Os cidadãos gregos, portadores desse *logos*, eram considerados como iguais perante a lei e na esfera política, o que significa que todos tinham o mesmo acesso à justiça e a mesma oportunidade de participar da política. O que Isso incluía a oportunidade igual de exercer o direito de se expressar publicamente. A liberdade, como um ideal democrático, tinha dois aspectos fundamentais: a liberdade política, para participar das instituições governamentais democráticas e das várias atividades da vida pública, e a liberdade privada, que permitia que cada indivíduo vivesse sua vida particular da maneira que desejasse. No entanto, o aspecto mais crucial da liberdade era, sem dúvida, a liberdade de expressão. O conceito de liberdade de expressão advém de dois termos: *isegoría* e *parrhesía* (Silva, 2019).

Isegoría carrega o sentido de que todos os cidadãos têm o direito igualitário de se expressar na assembleia, independentemente de sua posição social ou econômica (Silva, 2019). Assim sendo,

A prática da democracia assumia que os cidadãos tinham a capacidade de pensar juntos, em público (como em privado), por meio do discurso franco, e que os resultados daquelas deliberações conduziram ao bem comum. Deliberar significava ouvir como também falar; aceitar bons argumentos assim como formulá-los (Ober, 2001, p. 176-177).

A *isegoría*, apesar de sua importância, possui suas próprias restrições, uma vez que pode abrir caminho para a manipulação retórica e enganosa, na qual um orador habilidoso distorce a verdade em benefício próprio, prejudicando a cidade. A fim de garantir que o debate democrático possa instigar nos cidadãos a habilidade de pensar criticamente sobre assuntos políticos, resultando em decisões mais acertadas, é necessário que os discursos sejam feitos com *parrhesía*. Em outras palavras, é preciso ter coragem para dizer tudo (Silva, 2001).

Sócrates e Platão foram além da teoria. Eles aderiram à prática da dialética livre, a *parrhesía* na época, muito aplicada na democracia de Atenas, e se baseavam na verdade do falar, sem ter medo ou angústia do que os outros poderiam compreender. Isso ficava evidente por:

[...] três aspectos do pensamento socrático assentados no valor e na prática da liberdade de expressão, em vigor na Atenas dos dias de Sócrates, a saber, o método do *elenchos*, o princípio do “cuidado de si” e o ideal da vida examinada. Como muitos têm observado, Sócrates foi um cidadão exemplar. Mas se, por um lado, seu comportamento se conformava ao padrão do “bom cidadão” de Atenas, por outro, dele também divergia, especialmente por causa das críticas a certos princípios da democracia, assim como contra certas crenças religiosas e morais. Enquanto bom cidadão ateniense, Sócrates foi um zeloso cumpridor de seus deveres cívicos, seja pela obediência às leis, aos costumes e aos magistrados da polis, seja pela participação nas instituições do governo e frequência das assembleias (Silva, 2019, p. 6).

Sócrates compreendia a democracia e a ideia de “falar a verdade”. Para ele as pessoas deveriam se questionar e até mesmo discordar pelo modo em que os governantes a governavam. Embora essa perspectiva de “falar a verdade”, não pudesse ser descartada, com o tempo ela foi sendo aplicada em diversos outros meios, e este será o enfoque do trabalho, o dizer a verdade, sobretudo de si mesmo.

Essa perspectiva acima foi trabalhada desde a época da Antiguidade, em que era importante exercer as práticas de si, tendo o próprio sujeito como um meio, na qual ele próprio estabelecesse as regras, as técnicas, em que se permite estar sempre em constante mudança (Silva, 2019). Naquele momento, nota-se a estreita ligação entre a *parrhesía* e o cuidado de si.

De acordo com, Edgardo Castro (2009, p. 92), “o tema do cuidado de si foi consagrado por Sócrates; a filosofia posterior o retomou e, na medida em que ela mesma se concebeu como uma arte da existência, a problemática do cuidado ocupou o centro de suas reflexões”.

Pode-se dizer que a *parrhesía* é um elemento essencial no cuidado de si, visando a “transformação do modo de viver do indivíduo pela verdade” (Castro, 2009 p. 4). A *parrhesía* é, de certa forma, um modo de cuidado de si, e é através dessa base que Foucault resgata Sócrates, embora ele tenha uma percepção diferente sobre sua aplicabilidade.

Foucault (2009) aborda, principalmente, em sua obra de *A coragem da verdade* em que a *parrhesía* era, na verdade, uma forma de cinismo. Os cínicos compreendem que a conexão entre a vida e a verdade é instantânea, não se submetendo a nenhum sistema de crenças imposto. Sua maneira de viver, ao abraçar a natureza animal da existência e se libertar das amarras sociais, é uma verdadeira celebração da autenticidade. Desse modo o cinismo é “a produção da verdade na forma mesma da vida” (Foucault, 2009, p. 200).

Foucault preocupou-se em adentrar ao conceito de *parrhesía* em seu último domínio de estudo, “o Ser-consigo”, ou também chamado de “Ética”. É válido considerar que os estudiosos foucaultianos estabelecem critérios para dividir suas obras metodologicamente, como o caso ontológico de Monrey (1991) e Veiga Neto, (2013, p.10): Ser-saber, Ser-poder e Ser-consigo, ainda sobre a temática “Também pode-se considerar a divisão metodológica: Arqueologia, Genealogia e Ética”.

Foucault ainda relaciona a *parrhesía* com a atitude ética:

[...] *Parrhesía* refere-se, a meu ver, de um lado à qualidade moral, à atitude moral, ao êthos, se quisermos, e de outro, ao procedimento técnico, à *tékhnē*, que são necessários, indispensáveis para transmitir o discurso verdadeiro a quem dele precisa para a constituição de si mesmo com o sujeito de soberania sobre si mesmo e sujeito de verificação de si para si (Foucault, 2006, p. 334).

A *parrhesía* engloba tanto a dimensão moral quanto a ética enquanto capacidades necessárias para transmitir um discurso verdadeiro. Esses elementos são essenciais para que o indivíduo se constitua como uma autoridade sobre si mesmo e seja capaz de validar sua própria verdade.

Foucault faz uso da genealogia grega e filosófica do sentido da palavra *parrhesía* que, para ele, é a “franqueza ao falar” (Foucault, 2011, p. 1). O autor, na primeira das seis conferências realizadas em Berkeley, entre outubro e novembro de 1983, problematiza todo o enredo da *parrhesía*, que emergiu “pela primeira vez na literatura grega em Eurípedes (484-407 a.C), mas pode ser encontrada ainda em textos patrísticos escritos no fim do quarto e durante o século 5 d.C.” (Foucault, 2003, p. 3).

Embora os indícios de *parrhesía* tenham emergido em Eurípedes, Foucault frisa sua evolução na democracia como um lugar de verdade e seu exercício caminha em conjunto da liberdade. Foucault, em *A coragem da verdade*, refere que a:

[...] *Parrhesía* aparece agora, não como um direito retido por um sujeito, mas como uma prática, prática que tem por correlativo privilegiado, como ponto de aplicação primeiro, não a cidade ou o corpo dos cidadãos a convencer e arrastar, mas algo que é ao mesmo tempo um parceiro a que ela se dirige e um domínio em que se adquire seus efeitos. Esse parceiro a que se endereça a *parrhesía* e esse domínio em que ela se adquire seus efeitos são a *psykhé* (a alma) o indivíduo. A primeira coisa: passa-se da pólis à *psykhé* como correlativo essencial da *parrhesía* (Foucault, 1984, p. 57-58).

Para Foucault, há basicamente “três formas da palavra: a forma nominal *parrhesía*, a forma verbal *parrhesíazomai*; e a palavra *parrhesíastes*” (Foucault, 2003, p. 3) Essa última forma – *parrhesíastes* - não é muito comum ser encontrada nos textos clássicos, apenas em alguns greco-romano, como nome de personagens. A *parrhesía*, do inglês, significa *free speech*; do francês *franc-parler* e, por fim, o *parrhesíastes* é o sujeito que fala a verdade, de modo franco (Foucault, 2003).

Na *parrhesía* presume-se que o falante dê um relato completo e exato do que tem em mente, de modo que a audiência seja capaz de compreender exatamente o que aquele que fala pensa. A palavra *parrhesía* então se refere a um tipo de relação entre o falante e o que ele diz:

Pois na *parrhesía* o falante torna manifestadamente claro e óbvio que o que ele diz é sua própria opinião. [...] evitando qualquer tipo de retórica. [...] o *Parrhesíastes* usa as palavras e formas de expressão mais diretas que ele puder encontrar [...] na *parrhesía*, o *parrhesíastes* age sobre a mente das outras pessoas mostrando a elas, tão diretamente quanto possível, o que ele realmente acredita (Foucault, 2003, p. 4).

Foucault tratou a questão da *parrhesía*, em especial, nos cursos de 1984, que fora divididos em aulas; pode-se considerar que as quatro primeiras aulas apresentam uma introdução aprofundada e abrangente de conceitos teórico-metodológicos e ao chegar na quinta aula, de 29 de Fevereiro de 1984 caracteriza a *parrhesía* como um movimento cínico (Pereira; Vicentin, 2021).

Mas para que ele chegasse a esse pensamento pensamentos foram tecidos; em sua quinta aula de 1984 ele problematiza a *parrhesía* socrática como um modo de vida, e através dela passou a compreender a importância de dizer a verdade sobre si mesmo. Por isso, um cinismo na prática cínica, que através de um modo de viver regrado, singular e condicionado era uma prática cínica (Foucault, 2011).

Foucault, 2011, p. 210, afirma que a *parrhesía* é um movimento cínico e, “só pode haver verdadeiro cuidado de si se os princípios formulados como princípios verdadeiros forem ao mesmo tempo garantidos e autenticados pela maneira como se vive”. Por isso, com Foucault, a *parrhesía* é um movimento cínico que requer a garantia e autenticação dos princípios verdadeiros através da maneira como vivemos. A verdadeira preocupação com nós mesmos só

pode ser alcançada dessa forma. o modo de vida dos cínicos, que está intimamente ligado à prática da *parrhesía*. Esse modo de vida desempenha um papel crucial e é essencial para a expressão da *parrhesía*. Além disso, ele tem a função de desafiar convenções e crenças, libertando o cínico de normas e opiniões desnecessárias para revelar a verdade. O modo de vida dos cínicos atua como uma prova, permitindo que sejam mostradas apenas as coisas verdadeiramente essenciais para a vida humana, de forma crua e inegável.

Como transcrito, é possível perceber que a *parrhesía* pode ser aplicada sob diversas óticas, momentos e movimentos. Tudo depende do lugar de fala, no caso deste estudo, ele terá como suporte a *parrhesía* como um modo de cuidado de si, para Sócrates, e não como uma forma cínica, para Foucault, mas é importante distinguir os dois pensamentos e considerar que Foucault atravessa, de certo modo, por esse conceito, seu terceiro domínio de estudo, o ser-consigo. Por isso, nas discussões, quando for possível, haverá a contribuição para a temática de tais filósofos.

Devido às concepções que adotamos a *parrhesía*, sob a perspectiva de cuidado de si, torna-se importante a introdução da conceituação de *askésis*,

[...] ou seja, um conjunto de práticas e exercícios que possibilitam o sujeito realizar o exame da sua consciência. A partir desses exercícios que o sujeito é convidado a (re)construir-se a si, a refletir sobre seu modo de vida, bem como suas escolhas de sua existência[...] e assume um papel de “material” no qual necessita mudar (Amarijo, 2020, p. 70).

Tais escolhas materiais são justamente o que definem e valorizam o ser próprio, e isso acontece como o “objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se, corrigir-se purificar-se” (Foucault, 1985, p. 48). Por isso, acredita-se que a presença de espaços compartilhados para a troca de experiências desempenham um papel importante em aproximar as pessoas. É por isso que cuidar de si mesmo é uma atitude essencial, uma forma de estar, agir e existir no mundo e com os outros. Ao adotar essa postura em relação a si mesmo, o indivíduo torna-se o próprio objeto de conhecimento e campo de ação, permitindo, assim, sua transformação.

Na Enfermagem, como é possível verificar no tópico da justificativa, pouco se tem investigado sobre a *parrhesía* no aspecto pretendido por este estudo. Os enfermeiros possuem conhecimentos e técnicas plausíveis para ser considerados profissionais *parrhesíastas*, ainda mais como educador, aquele que transmite e se (re)constrói, com os alunos, suas verdades, seu modo de agir, pensar e transformar. O *parrhesíastico* é aquele que corre riscos, não de modo necessário de vida, fala a verdade, sem medo das consequências, tem o falar franco, independentemente de qualquer perigo (Amarijo, 2020).

Para Foucault, 1999, p. 54, o *parrhesiástico* tem como características, obrigatoriamente: “Franqueza; Verdade; Perigo; Crítica e Dever”, ou seja, um educador em Enfermagem tem o dever de ser crítico diante as situações enfrentadas, seja em sala de aula, seja em campos de estágios, mesmo que se tenha o perigo das possíveis consequências adotadas, falar a verdade com franqueza, pois é através dessas ações, relações e reações que o educador cuida de si e também cuida do outro.

A *parrhesía* encontra-se relacionada ao cuidado de si. Considerada uma técnica de orientação espiritual, a *parrhesía* era constituída por práticas que auxiliavam os sujeitos a viver da melhor maneira possível, a aprender para educar-se, ao autocuidado (AMARIJO, 2020).

E é sobre esse sentido que se pretende dialogar as discussões a serem obtidas no estudo proposto a partir dos autores supracitados, a saber, realizar a junção de ideias da filosofia sobre a *parrhesía* como um modo de vida.

Dessa maneira, fica evidente a importância de investigar as possíveis práticas de *parrhesía* dos educadores de enfermagem. Qual seria o maior risco *parrhesiástico* que ele corre? Se corre? Fala com franqueza? Tem suas verdades estabelecidas sem medo algum de ser crítico como necessário?

O próximo capítulo aborda sobre um sucinto histórico da Enfermagem e em uma subseção transcorrerá uma abordagem sobre o Código de Ética em Enfermagem em sua relação com a *parrhesía* nas práticas de Enfermagem.

4 “LONGE DO MEU LUGAR”

“Vou me encontrar
Longe do meu lugar”
(Magrão; Sá, 1981).

Este capítulo constitui-se de uma breve contextualização histórica da Enfermagem, de um lugar “longe do meu lugar” (Magrão; Sá, 1981) e que ecoa nos dias atuais, na necessidade de me encontrar enquanto “caçador de mim” (Magrão; Sá, 1981).

Nas comunidades pré-histórica foram encontradas evidências das relações entre crenças e forças espirituais e fortes influências, na cura. A ideia de doença foi fortemente associada a um castigo de deuses em decorrência do pecado. Devido a isso, emergiu-se, mesmo que instintivamente, o cuidado, ou seja, o processo de cuidar surge junto com o início da humanidade; “O cuidar é uma atividade tão antiga quanto a humanidade, sendo considerado inerente à condição humana” (Jesus, *et al.*, 2022, p. 2).

A palavra cuidado, derivada do latim *cogitare/cogitatur*, significa cura e carrega o sentido de zelo, preocupação e responsabilidade de para com o outro (Zoboli, 2003, p. 2). Por muito tempo o cuidado foi associado a uma prática feminina por ser destinada a ser realizada com exclusividade pelas mães no princípio da vida. O fato de o cuidado estar relacionado a uma parte integral do sujeito desde seu nascimento fez com que houvesse uma associação às mulheres:

Esta resposta emanou de certas mulheres que provaram ser particularmente aptas em proporcionar um ambiente doméstico saudável, protegendo crianças e cuidando dos velhos e dos outros membros da família. O cuidado é parte integral da vida humana e está contido nas raízes da história das mulheres, pois é a o redor do cuidado que a principal parte do destino das mulheres foi tecida. A História da Enfermagem é sempre referida com o um episódio na história mulher. Através da história coube à mulher a responsabilidade de assegurar a continuidade da vida, lidando com os aspectos da vida relacionados à fertilidade, com o cuidar dos recém-nascidos, e doentes [...]. Além dos doentes cabia às mulheres cuidar dos velhos ou dos que estavam morrendo (Angelo, Forcella; Fukuda, 1995, p. 212).

No Ocidente, na Idade Média, os cuidados com a saúde passaram a ser direcionados para as igrejas, por meio das irmãs de caridade, que devotavam a vida em prol do cuidado e de fazer o bem ao próximo, baseando-se no conceito de caridade.

O cuidado dos enfermos foi uma das muitas formas de caridade adotadas pela igreja e que se conjuga a história da enfermagem, principalmente após o advento do cristianismo. Os ensinamentos de amar e fraternidade transformaram não somente a sociedade, mas também o desenvolvimento da

enfermagem, marcando, ideologicamente, a prática de cuidar do outro e modelando comportamentos que atendessem a esses ensinamentos (Padilha, 1999, p. 443).

Ainda que a palavra hospital seja conhecida a partir do século XII, derivando do latim *hospitalis* que significa hospedagem (Brasil, 1965), é no século IV que surgem os primeiros “hospitais”, visando deslocar os enfermos e pobres doentes do centro para um local afastado, pois eles não poderiam ser cuidados em suas próprias casas.

Diante desse cenário, a Enfermagem surge como uma resposta dos acontecimentos somente no século XIX. Naquela época, as admissões de mulheres em hospitais não eram vistas com bons olhos, pois a mulher considerada correta deveria estar em sua casa, cuidando de sua família e de seus afazeres. Por isso, no princípio, além das irmãs de caridade, a Enfermagem era exercida por mulheres menos favorecidas, em geral pobres e prostitutas, que não tinham o adequado conhecimento para exercer o cuidado. Com o decorrer do século XIX, um pastor luterano alemão chamado Fieldner, e sua esposa realizaram uma seleção criteriosa de mulheres, solteiras, com bons costumes e maneiras para ensiná-las princípios éticos e farmacológicos a fim de serem inseridas nos hospitais em conjunto com as irmãs de caridade, retirando, de vez, as mulheres menos favorecidas. No Brasil, os hospitais surgiram na época colonial, no estado de São Paulo, na cidade de Santos, o cuidado foi inicialmente prestado em sua maioria por escravos que tinham o domínio das ervas medicinais (Padilha, 1999).

Em especial, ao findar o século XIX e ao iniciar o século XX, devido às guerras e ao grande número de feridos, o cuidado com enfermos adquiriu um caminho mais sistemático. Convém mencionar uma pessoa importante naquele momento, Florence Nightingale. Ela era uma mulher de família rica, nascida em Florença na Itália, no dia 12 de Maio de 1820. Teve a oportunidade de viajar o mundo e pode ter conhecido um hospital no Egito, onde ocorreu o despertar pela área, mesmo que ainda fosse considerada uma profissão indigna na época. Logo depois de abandonar seu noivo e abdicar de suas posses, se alistou como voluntária na guerra da Criméia (1853-1856) (Biblioteca Virtual En Salud Enfermería, 2023).

Diante daquele cenário, ela separava os homens feridos de acordo com sua gravidade para o cuidado, proporcionava meios de ventilação e iluminação adequadas para recuperação, sistematizava instintivamente a prestação da assistência e acreditava que o meio era um fator primordial para a recuperação. Dessa maneira, ela conseguiu diminuir drasticamente os números de óbitos causados por infecções (Biblioteca Virtual En Salud Enfermería, 2023).

Ela é considerada como a pioneira da enfermagem, a portadora da lâmpada, pois percorria as alas de enfermaria com uma lamparina na mão, para que a iluminação pudesse

proporcionar clareza adequada para o cuidado; ela também foi responsável pela criação da primeira escola de enfermagem no mundo, localizada na Inglaterra em 1859, chamada Escola de Enfermagem no Hospital Saint Thomas. Florence foi a primeira mulher a receber a Ordem ao Mérito em 1907, após receber da própria rainha Vitória o comendo da Cruz Vermelha Real (Biblioteca Virtual En Salud Enfermería, 2023).

No Brasil, a pioneira da Enfermagem foi Ana Néri, nascida em 1814. Ficou viúva jovem e se deparou com a necessidade de assumir sozinhas as responsabilidades de um lar, com três filhos. Em 1865, com a Tríplice Aliança e a união do Brasil na Guerra do Paraguai, seus filhos foram convocados, e Ana, sensibilizada, escreveu uma carta à presidência da província, se oferecendo a cuidar dos feridos e seu pedido foi aceito. Suas atividades envolviam a separação de feridos, assim como Florence, por ordem de complexidade e virulência; chegou a montar, em sua casa, um hospital de campanha para os atendimentos e também utilizava a lamparina para iluminar os corredores para a assistência no período noturno. Ao findar da guerra, Ana Neri desembarcou no Rio de Janeiro onde recebeu, das mãos de Dom Pedro II, a Medalha Geral de Campanha e a Medalha Humanitária (Complexo De Saúde São João De Deus, 2003).

Em 1923, surgiu, no Brasil, no contexto do movimento sanitarista, a primeira Escola de Enfermagem, localizada no Rio de Janeiro. De início, teve o nome de Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde, pelo Decreto nº 16.300. Em 1926, passou a se chamar Escola de Enfermeiras D. Ana Nery, pelo decreto nº 17.268. A instituição se baseava no modelo inglês e se integrou como instituição de educação da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1937, como permanece até hoje (Escola Anna Nery, 2023).

Com a expansão de Ensino de Enfermagem, o Ministério da Educação (MEC) exige que a grade curricular para o enfermeiro graduado seja composta por duas grandes áreas: a Biológica, com estudos sobre morfologia, fisiologia e anatomia, por exemplo, e as Ciências Humanas que atendem a Filosofia, a Psicologia, a Antropologia, dentre outras. A duração do curso deve compreender, no mínimo, 3.500 horas/aula e oito semestres letivos. Além dos conhecimentos teóricos, as instituições de ensino devem incluir estágios em hospitais, unidades básicas de saúde, clínicas especializadas, ambulatórios e na comunidade, com a duração de, no mínimo, dois semestres. Além disso, é obrigatória a produção de um Trabalho de Conclusão de Curso supervisionado por um docente (Brasil, 2000).

Desde 1999, no dia da formatura dos bacharéis em Enfermagem, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) estruturou o juramento do enfermeiro, que traz os seguintes dizeres:

Solenemente, na presença de deus e desta assembleia, juro:
Dedicar minha vida profissional a serviço da humanidade, respeitando a

dignidade e os direitos da pessoa humana, exercendo a enfermagem com consciência e fidelidade; guardar os segredos que me forem confiados; respeitar o ser humano desde a concepção até depois da morte; não praticar atos que coloquem em risco a integridade física ou psíquica do ser humano; atuar junto à equipe de saúde para o alcance da melhoria do nível de vida da população; manter elevados os ideais de minha profissão, obedecendo os preceitos da ética, da legalidade e da moral, honrando seu prestígio e suas tradições (Cofen, 1999, p. 2).

Esse juramento se dá pela Resolução 218, de 1999 (Cofen, 1999). Nela também foram estabelecidos os símbolos da enfermagem: a lâmpada significa caminho e ambiente; a cobra está relacionada à magia; a cobra cruz, à ciência; a seringa, à técnica; a cor verde significa paz, tranquilidade e saúde. A cor da profissão é a verde esmeralda; a pedra, esmeralda; o símbolo, a lâmpada; o brasão, para o enfermeiro, é composto pela lâmpada e pela cobra cruz, enquanto para os técnicos e auxiliares de enfermagem, o brasão é formado pela lâmpada e pela seringa (Cofen, 1999).

A atuação do enfermeiro bacharel é ampla e compreende áreas como Unidades de Pronto Atendimento (UPAS), Enfermagem do Trabalho, Enfermagem Obstétrica, Enfermagem em Estética, Enfermagem Médico-Cirúrgica, Enfermagem Dermatológica, Enfermagem em Urgência e Emergência, Enfermagem Neonatal, Enfermagem Pediátrica, Enfermagem Geriátrica, Enfermagem em Assistência em Anestesiologista, Enfermagem Aeroespacial, Enfermagem em Instrumentação, Enfermagem Administrativa, dentre tantas outras, também é possível atuar na área da docência, na qual o sujeito é o foco do estudo (Faculdade de Ciências Médicas Da Santa Casa De São Paulo, 2023).

A Enfermagem possui meios legais para ser exercida e está amparada pela Lei Federal nº 7.498, de 25 de junho de 1986, que regulariza o exercício da profissão, compreendendo os enfermeiros, os auxiliares de enfermagem, os técnicos em enfermagem e as parteiras, no âmbito nacional, e dá outras providências (BRASIL, 1986). Ela também é conhecida como a Lei do Exercício Profissional de Enfermagem (LEPE) (BRASIL, 2023). Além disso, tem-se o Código de Ética dos profissionais de Enfermagem (CEPE), resguardado pela Resolução Federal nº 566/2017, que descreve sobre princípios fundamentais, deveres, direitos, proibições e penalidades (Cofen, 2017).

A profissão é regida por conselhos: o de âmbito nacional, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), e o Conselho Regional de Enfermagem (COREN), o qual está presente em cada estado do Brasil. Os dois possuem o mesmo objetivo: o de fiscalizar o exercício profissional da enfermagem, cada um no âmbito que lhes compete. Eles foram criados pela Lei Federal nº 5.905/73, em 12 de julho de 1973, que assegura a criação do Sistema COFEN de

Conselhos de Enfermagem (Cofen, 2018).

4.1 “Caçador de mim”

“Vou me encontrar longe do meu lugar
eu caçador de mim”
(Magrão; Sá, 1981).

Este tópico aborda a ética em Enfermagem, correlacionando-a com a *parrhesía* em sua *práxis*. O Código de Ética dos profissionais de Enfermagem (CEPE), elaborado pelo órgão regulamentador da profissão em nível federal, por meio do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), foi atualizado em 2022 por meio da resolução 706/2022. Ela discorre sobre a regulamentação do exercício da profissão, a qual só pode ser exercida por pessoas habilitadas e inscritas no conselho (Cofen, 2022).

Em seu Art 2º, Parágrafo único, descreve sobre a composição da equipe de enfermagem: “A Enfermagem é exercida privativamente pelo Enfermeiro, pelo Técnico de Enfermagem, pelo Auxiliar de Enfermagem e pela Parteira, respeitados os respectivos graus de habilitação” (Brasil, 1986).

São considerados Enfermeiros, de acordo com o art 6º:

I – o titular do diploma de enfermeiro conferido por instituição de ensino, nos termos da lei; II – o titular do diploma ou certificado de obstetriz ou de enfermeira (o), obstétrica, conferidos nos termos da lei; III – o titular do diploma ou certificado de Enfermeira e a titular do diploma ou certificado de Enfermeira(o), Obstétrica ou de Obstetriz, ou equivalente, conferido por escola estrangeira segundo as leis do país, registrado em virtude de acordo de intercâmbio cultural ou revalidado no Brasil como diploma de Enfermeiro, Enfermeira Obstétrica ou de Obstetriz (Brasil, 1986, p. 11).

Assim, são considerados enfermeiros os profissionais que possuem o diploma de enfermeiro concedido por uma instituição de ensino, de acordo com a legislação vigente. Além disso, também são considerados aqueles que possuem o diploma ou certificado de obstetriz ou de enfermeira obstétrica, de acordo com a lei. No caso dos profissionais formados em instituições estrangeiras, desde que o diploma seja registrado de acordo com os acordos de intercâmbio cultural ou revalidado no Brasil como diploma de enfermeiro, enfermeira obstétrica ou obstetriz, também são considerados enfermeiros.

São Técnicos de Enfermagem, de acordo com o art. 7º:

I – o titular do diploma ou do certificado de Técnico de Enfermagem, expedido de acordo com a legislação e registrado pelo órgão competente;

II – o titular do diploma ou do certificado legalmente conferido por escola ou curso estrangeiro, registrado em virtude de acordo de intercâmbio cultural ou revalidado no Brasil como diploma de Técnico de Enfermagem (Brasil, 1986, p. 11-12).

São considerados Técnicos em Enfermagem aqueles detentores do diploma ou certificado de Técnico de Enfermagem, emitido em conformidade com a legislação e devidamente registrado pelo órgão competente Além disso, aqueles que possuem diploma ou certificado legalmente concedido por uma escola ou curso estrangeiro, registrado de acordo com um acordo de intercâmbio cultural ou revalidado no Brasil como diploma de Técnico de Enfermagem também são incluídos nessa categoria:

- I – o titular do certificado de Auxiliar de Enfermagem conferida por instituição de ensino, nos termos da Lei e registrado no órgão competente;
- II – o titular do diploma a que se refere a Lei nº 2.822, de 14 de junho de 1956;
- III – o titular do diploma ou certificado a que se refere o inciso III do Art. 2º. da Lei nº 2.604, de 17 de setembro de 1955, expedido até a publicação da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961;
- IV – o titular de certificado de Enfermeiro Prático ou Prático de Enfermagem, expedido até 1964 pelo Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina e Farmácia, do Ministério da Saúde, ou por órgão congênere da Secretaria de Saúde nas Unidades da Federação, nos termos do Decreto-lei nº 23.774, de 22 de janeiro de 1934, do Decreto-lei nº 8.778, de 22 de janeiro de 1946, e da Lei nº 3.640, de 10 de outubro de 1959;
- V – o pessoal enquadrado como Auxiliar de Enfermagem, nos termos do Decreto-lei nº 299, de 28 de fevereiro de 1967;
- VI – o titular do diploma ou certificado conferido por escola ou curso estrangeiro, segundo as leis do país, registrado em virtude de acordo de intercâmbio cultural ou revalidado no Brasil como certificado de Auxiliar de Enfermagem (BRASIL, 1986, p. 12)

Os Auxiliares de Enfermagem são aqueles que possuem o certificado de Auxiliar de Enfermagem, concedido por uma instituição de ensino de acordo com a lei e registrado no órgão competente, têm direito a exercer a profissão. Além de outras particularidades regidas pela Lei. São também aqueles que possuem o diploma ou certificado emitido por uma escola ou curso estrangeiro, de acordo com as leis do país, registrado devido a um acordo de intercâmbio cultural ou revalidado no Brasil como certificado de Auxiliar de Enfermagem também são elegíveis.

Por fim, o art 9º dispõe sobre as Parteiras:

- I – a titular de certificado previsto no Art. 1º do Decreto-lei nº 8.778, de 22 de janeiro de 1946, observado o disposto na Lei nº 3.640, de 10 de outubro de 1959;
- II – a titular do diploma ou certificado de Parteira, ou equivalente, conferido por escola ou curso estrangeiro, segundo as leis do país, registrado em virtude de intercâmbio cultural ou revalidado no Brasil, até 2 (dois) anos após a publicação desta Lei, como certificado de Parteira (Brasil, 1986, p. 12).

São Parteiras, as profissionais que possuem o diploma ou certificado de Parteira, obtido em escola ou curso estrangeiro, de acordo com as leis do respectivo país, e que tenham sido registradas por meio de intercâmbio cultural ou revalidação no Brasil, até dois anos após a publicação desta Lei, serão reconhecidas.

A classe da enfermagem, acima descrita, corresponde ao agrupamento de enfermeiros, técnicos de enfermagem, auxiliares de enfermagem e parteiras. Por meio de uma busca no site oficial do COFEN, identificou-se que estão inscritos, em 2023, no Conselho, 2.786.440 profissionais de enfermagem, sendo respectivamente 451.766 auxiliares, 1.648.626 técnicos, 685.487 enfermeiros e 361 parteiras/obstetizes (Conselho Federal de Enfermagem, 2023). Diante dessa quantidade de profissionais, tem-se a necessidade de regularização da profissão, estabelecida, inclusive, pelo Código de Ética. Sendo assim, o Código foi distribuído entre princípios, direitos, deveres, proibições, infrações e penalidades.

A Resolução Federal nº 706/2022 regulamentou o novo Código de Ética de Enfermagem, que descreve a enfermagem baseada em princípios fundamentais:

A Enfermagem é comprometida com a produção e gestão do cuidado prestado nos diferentes contextos socioambientais e culturais em resposta às necessidades da pessoa, família e coletividade. O profissional de Enfermagem atua com autonomia e em consonância com os preceitos éticos e legais, técnico-científico e teórico-filosófico; exerce suas atividades com competência para promoção do ser humano na sua integralidade, de acordo com os Princípios da Ética e da Bioética, e participa como integrante da equipe de Enfermagem e de saúde na defesa das Políticas Públicas, com ênfase nas políticas de saúde que garantam a universalidade de acesso, integralidade da assistência, resolutividade, preservação da autonomia das pessoas, participação da comunidade, hierarquização e descentralização político-administrativa dos serviços de saúde (Brasil, 2022, p. 25).

Princípios que embasam a *parrhesía* podem ser identificados nesse princípio fundamental da profissão, por exemplo, na sentença: “O profissional de Enfermagem atua com autonomia e em consonância com os preceitos éticos e legais, técnico-científico e teórico-filosófico” (Brasil, 2022, p. 25). A Enfermagem exerce o cuidado com sua autonomia, ou seja, ela não é subalterna à outra, mas responde por si, por seus atos e é responsável por tais. Além disso, essa liberdade de tomada de decisão leva em consideração a ética, que, em geral, é definida como a ciência da conduta, com duas vertentes principais:

[...] A que a considera como ciência para o qual a conduta dos homens deve ser orientada e dos meios para atingir tal fim, deduzindo tanto o fim quanto os meios da natureza do homem; a que a considera como a ciência do móvel da conduta humana e procura determinar tal móvel com vistas a dirigir ou disciplinar essa conduta [...] (Abbagnano, 2007, p. 380).

Dessa maneira, além da técnica em si, o enfermeiro, em especial aqui tratado nesse estudo, deve embasar-se na ética e nos valores que o movem e, para isso, é indispensável o conhecimento de si, de suas verdades e das práticas destas.

Ainda sobre sua autonomia de decisão, o CEPE ainda corrobora dizendo que o enfermeiro exerce suas atividades de acordo com os “Princípios da Ética e da Bioética”. Tais princípios devem ser aplicados de maneira contínua, pois é uma profissão que lida com conflitos diários e a análise e reação diante deles são de extrema importância.

O princípio fundamental continua, exaltando a autonomia do sujeito, agora não do profissional, mas da pessoa como sujeitos do seu processo de saúde x doença, a partir do destaque segundo o qual a enfermagem atua “com ênfase nas políticas de saúde que garantam a universalidade de acesso, integralidade da assistência, resolutividade, preservação da autonomia das pessoas, participação da comunidade [...]” (Brasil, 1986, p. 25). O sujeito é parte fundamental de todo procedimento, e as vontades do outro devem ser colocadas em prática até mesmo pelo enfermeiro.

Sobre os direitos, no capítulo 1, o art 1º ainda retrata sobre o direito do enfermeiro de exercer e atuar sob seus valores: “Exercer a Enfermagem com liberdade, segurança técnica, científica e ambiental, autonomia [...]” (Brasil, 1986, p. 26).

Referidos os direitos, também há os deveres e, no art. 38, é dever do enfermeiro “*prestar informações escritas e/ou verbais, completas e fidedignas, necessárias à continuidade da assistência e segurança do paciente*” (Brasil, 1986, p. 29). Um dos caminhos para esse esclarecimento se dá pelo processo de enfermagem, conhecido como Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE). A implementação desse método é de responsabilidade do enfermeiro e sua checagem é responsabilidade de toda equipe de enfermagem.

A SAE é uma prática privativa do enfermeiro, que tem como finalidade o cuidado individualizado, humano e holístico aos pacientes, seja em qualquer nível de atenção à saúde e à instituição pública ou privada (Zanardo; Zanardo; Kaefer, 2013).

Ela oferece respaldo científico, segurança e direcionamento para as atividades realizadas, o que contribui para a maior credibilidade, competência e visibilidade da enfermagem, gerando assim autonomia e satisfação do profissional (Tannure; Pinheiro, 2013).

Para Menezes, Priel e Pereira (2010) o objetivo da SAE é, *a priori*, identificar as necessidades do paciente de forma a adquirir subsídios para o cuidado. Trata-se de um processo dinâmico que requer a todo instante um embasamento teórico-científico para sua execução e é composto por 5 etapas: o coleta de dados, diagnóstico, planejamento, implementação e avaliação.

As práticas dos enfermeiros devem se basear no Código de Ética, respeitando cada indivíduo com valores éticos e legais. Para tanto, cabe ao enfermeiro o ato de gerenciar as ações de enfermagem de forma a planejar, executar, avaliar e discutir os resultados em conjunto a sua equipe oferecendo assim assistência de enfermagem tanto no âmbito da promoção, proteção, recuperação quanto da reabilitação das pessoas (Barros; Lopes, 2010).

Esse processo é claramente um modo de *parrhesía*, pois as anotações e evoluções de enfermagem devem conter sempre a verdade do paciente, assim como as ações e procedimentos executados para com ele, e através disso o enfermeiro se resguarda e resguarda também o paciente. É imprescindível falar a verdade independente qualquer coisa, pois é necessário garantir a autonomia do profissional e do sujeito, é um direito e também um dever, até mesmo na área da saúde.

O *parrhesiasta* tem o compromisso de dizer a verdade, e na enfermagem a sua aplicabilidade pode acontecer muitas vezes partindo do acolhimento do sujeito, e com o processo do cuidado ocorre a *parrhesía* falada através de orientações, para com o enfermeiro – paciente ou mesmo enfermeiro educador - acadêmicos de enfermagem, ou mesmo através da escrita, pelas anotações de enfermagem, que devem ser fidedignas, caso contrário, pode ser caracterizada como um crime de conduta ética. A *parrhesía*, podendo ser requerida do enfermeiro, demanda a necessidade de prática constante e sofre interferências de seu meio de interação, mas não pode deixar de enaltecer a real potência por parte da enfermagem (Amarijo et al., 2020).

Outro lugar para se refletir e colocar em prática a *parrhesía* foi no contexto da pandemia. Recentemente não só o Brasil, mas o mundo foi assolado pelo COVID 19. O Covid 19 significa a junção das primeiras letras das palavras em inglês, o (Co)rona (V)írus (D)isease, em português, doença do corona vírus. Pertencente a uma grande família de vírus chamada *Coronaviridae*, possui sete tipos que infectam os seres humanos. O mais atual foi descoberto no final de 2019, na cidade de Wuhan, na China, por isso, o uso do termo “19”. Essa família viral é capaz de provocar a Síndrome Respiratória Aguda (SARS) e a Síndrome Respiratória do Oriente (MERS), além de outras condições patológicas respiratórias. São chamados de “*corona*”, pois, ao serem descobertos em 1960, verificou-se que se assemelham a uma coroa, vistos ao microscópio. Os vírus dessa família, composto de vários integrantes, podem atingir humanos, ou somente os animais (Brazilian Journal Of Agriculture, 2020).

O Coronavírus 19 foi novo o vírus descoberto dessa família, ele é capaz de produzir inúmeros sintomas no ser humano, como a congestão nasal, a perda do paladar e do olfato, a conjuntivite, a dor de garganta, dentre outros e suas complicações levam ao óbito (Organização

Pan Americana De Saúde, 2020). No findar do ano de 2021 foi identificada uma variante do COVID 19, chamada Ômicron, essa possui uma virulência muito maior, ou seja, é mais fácil sua transmissibilidade e potência de causar danos (Instituto Butantan, 2021).

Com a circulação desse vírus, e com o ter de lidar com o desconhecido, causou medo na população, hoje, vacinas foram desenvolvidas para sua prevenção, mas o fato é que uma vez circulante na sociedade, sua erradicação mundial é improvável. Devido a isso, as organizações de saúde e as entidades governamentais, ressaltam a importância de medidas protetivas de saúde além da vacinação, como o uso de máscaras, utilização de álcool em gel e a importância do distanciamento social (If Sudeste Mg, 2021).

Os profissionais de saúde atuaram na linha de frente no combate da pandemia, com ressalva os enfermeiros; esses profissionais tiveram de lidar com todas as incertezas e medo inimagináveis, mas o propósito com a saúde e seu juramento sobressaiu. Os enfermeiros educadores, também deixaram seus lares, sua família, para atuar em conjunto aos alunos em campos de saúde, e passaram a ser corresponsáveis da saúde do acadêmico também, redobrando os cuidados para evitar contaminações, reafirmando o seu importante papel na sociedade:

Profissionais de enfermagem são a espinha dorsal da força de trabalho em saúde, especialmente durante a pandemia, representando 56% da equipe de saúde e fornecendo serviços de atenção primária, apoio à saúde mental e proteção do bem-estar de indivíduos, comunidades e famílias (Organização Pan Americana De Saúde, 2020, p. 1).

Embora saibamos da importância da enfermagem nesse contexto, muitos foram os óbitos registrados dentre esses profissionais, principalmente no início da pandemia, pois não haviam vacinas e era impossível prestar atendimentos à distância. Foram registrados 1.500 mortos pela doença e suas complicações e no Brasil corresponde a um terço do total de mortes por COVID. O número de óbitos na enfermagem na pandemia se assemelhou aos da I Guerra Mundial (Cofen 2021):

Agora, após a primeira onda da pandemia no Brasil, as contaminações e mortes destes profissionais podem ser atribuídas a outros fatores. A exaustão é um deles. Não existe risco zero quando se lida com pacientes infectados, e quanto mais cansadas as equipes, maior as chances de um deslize. Em 2020, 44.441 enfermeiros, técnicos e auxiliares foram afastados do trabalho e colocados em quarentena após serem infectados pelo novo coronavírus, um número significativo dentro de um universo de pouco mais de 2 milhões de trabalhadores da área (Cofen, 2021, p. 1).

Os profissionais de saúde, neste estudo com ênfase no enfermeiro, tiveram de lidar com situações incipientes e desconhecidas; por isso, foram colocadas em prática reorganizações para os atendimentos em seu contexto geral, abrangendo tanto os profissionais quanto os pacientes.

No quesito profissional, teve a utilização de paramento completo: uso de toucas, luvas, aventais, Face Shield e óculos de proteção. Também houve o remanejamento de fluxo de pacientes: os casos confirmados ficavam em um determinado setor, enquanto os em recuperação estavam em local diferente e os ainda não confirmados em outro (Silva, *et al.*, 2021).

Os pacientes foram classificados de acordo com a gravidade de acometimento da doença, e aqueles que mesmo sendo diagnosticado com a doença e possuíam sintomas leves, eram encaminhados para seguir as orientações em saúde em casa e em isolamento. Com o alto fluxo de pessoas em atendimento, não faltou cuidados para pessoas conhecidas, mas cabia o profissional o dever de resguardar sua identidade (Silva, *et al.*, 2021).

Com os cuidados de enfermagem sendo realizados exaustivamente na pandemia, também cabe mencionar que em todas as áreas a ética está presente, e vai além dos procedimentos técnicos. As iatrogenias são resultados de uma ação evitável do profissional, e ela acontece por sua maioria, efeito de desconhecimento, e isso viola o código de ética de enfermagem, por isso na pandemia, os cuidados foram redobrados, porque ainda é uma doença em processo de pesquisas e descobertas:

A palavra iatrogenia provém do grego e se refere a qualquer alteração patológica provocada no paciente pela prática dos profissionais da saúde, seja ela certa ou errada, justificada ou não, mas da qual resultam consequências prejudiciais para a saúde do paciente (SANTOS; Ceolim, 2009, p. 801).

Devido a isso, o profissional deve estar atento para não causar danos ao paciente em decorrência ao desconhecimento. É importante mencionar, pois muitas foram as notícias circuladas a respeito da atuação dos profissionais de enfermagem na pandemia. Alguns pontos positivos, como o ato simbólico de vacinar a primeira pessoa no Brasil, mulher e enfermeira e outros negativos, como, por exemplo, erros no momento da diluição e aplicação de vacinas.

Nesta era digital todo cuidado é pouco. Deve-se ter cautela e preservar o paciente, sendo proibida a exposição de informações de seu estado de saúde em qualquer hipótese. Só pode ser realizado de maneira oficial para o paciente e sua família, caso contrário, trata-se de uma violação ética cabível de punição (Cappi; Santos, 2021).

É notória a importância da *parrhesía* nas ações em enfermagem, inclusive na pandemia, principalmente no que se refere à ética. O enfermeiro educador esteve nessa prática, na qual foi necessário saber lidar com suas limitações, visto o alto índice de estresse situacional, e buscar compreender seus alunos e os pacientes. Em todo tempo, as práticas de *parrhesía* são primordiais nas anotações, ensinamentos, ações, reflexões e na comunicação.

O próximo capítulo trata sobre a discussão em si dos discursos obtidos através dos dados coletados.

5 “NADA A FAZER, SENÃO ESQUECER O MEDO”

“Nada a fazer se não esquecer o medo”

(Magrão; Sá, 1981).

Neste capítulo, serão analisados os discursos obtidos pelas entrevistas dos sujeitos da pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa são quatro enfermeiras educadoras, e como já mencionado, receberam nomes de deusas gregas. Os sujeitos da pesquisa possuem características singulares, *Epione* tem trinta e sete anos como docente e sessenta e um anos de idade; ela possui especialização *lato sensu* em Enfermagem do Trabalho e também *stricto sensu*. *Áceso* atua como vinte e oito anos como docente em cinquenta e sete anos de idade, sua especialização se concentra na área Médica-Cirúrgica e também é mestra. *Higéia* possui trinta e seis anos de idade, com cinco anos de atuação como docente; ela possui especialização em Pediatria e Neologia. Por fim, *Íaso* tem trinta e um anos de idade e atua como docente há dois anos, sua área de concentração de atuação é na Atenção Hospitalar. Em suma, todas as quatro docentes da pesquisa possuem pós-graduação, em nível *lato sensu*; dentre estas, duas possuem *stricto sensu* em nível de mestrado.

De acordo com o Ministério da Educação (2023), os programas de pós graduação *stricto sensu* englobam tanto o mestrado quanto o doutorado e são ofertados para os profissionais que são portadores do diploma do nível superior de graduação, que cosresponderem as instruções do edital e da instituição que pleiteia vagas. No findar do curso, o aluno recebe um diploma. Já o *lato sensu* compreende especializações que possuem, no mínimo, 360 horas. No findar dela, o aluno recebe um certificado (Ministério Da Educação, 2023). O universo da pós- graduação garante uma multiplicidade de oportunidades de especializações para todos os graduados, no caso desta pesquisa, aos enfermeiros, favorecendo-lhes uma diversidade de campo de atuação.

A Enfermagem possui diversas áreas de atuações e uma delas é no ramo educacional. Para ser enfermeiro professor é necessário ser enfermeiro generalista, ou seja, com nível de graduação, e estar apto a desenvolver suas habilidades nas complexidades do Sistema Único de Saúde. As instituições de formação optam, sempre que possível, por destinar os bacharéis para atuação seguindo suas especializações, seja *lato sensu* ou *stricto sensu* (Manhães; Tavares, 2020).

Também enquanto docentes de Enfermagem, as mulheres estão em busca de constante profissionalização e aperfeiçoamento para buscar atender a demanda dos seus alunos e do mercado de trabalho, que é altamente concorrido:

O fato de continuarem estudando está relacionado à necessidade de permanecerem se especializando para se manterem atualizadas e garantirem sua posição no mercado de trabalho. Pode-se pensar, ainda, que a formação profissional - através de infinitas especializações - está relacionada à busca por um lugar no meio profissional e à conquista de um *status* social considerado adequado pelas participantes (Lopes, Zanon, Boekcel, 2014, p. 8).

Considerando que os sujeitos da pesquisa são, em sua totalidade, constituídas por mulheres, se justifica mencionar que a Enfermagem emergiu do meio feminino, como as precursoras da enfermagem já discutidas neste estudo, como Florence Nightingale, na Europa, e Ana Nery, no Brasil. O COFEN retrata que estão inscritos no conselho, no ano de 2023, 7.799.494 profissionais de enfermagem. Sendo que, destes, 452.637 são Auxiliares de Enfermagem, 1.656.166 são Técnicos em Enfermagem, 690.330 são Enfermeiros e 361 são Obstetrias, chamadas também de Parteiras. A região em que prevalece a maior quantidade de profissionais é a sudoeste, com a predominância feminina composta por 86,6% (Cofen, 2023).

Uma problemática da Enfermagem correlacionada ao gênero feminino, é que muitas pessoas associam o cuidado como algo inerente ao instinto de cuidado da mulher, diante todo o histórico já abordado, e devido a isso, muitos subentendem que sua atuação enquanto profissional, não precisa ser remunerado:

O trabalho feminino segue inviabilizado ou reduzido a um gesto de amor ao paciente, ao aluno, uma devoção mística. O trabalho da Enfermagem é sim um gesto de cuidado, que transborda o amor, mas também é uma necessidade de remuneração digna. A maior categoria de saúde reivindica condições mínimas do exercício profissional. Falar de Piso Salarial é, objetivamente, falar de combate à desigualdade de gênero (Santiago, 2023, p. 26).

Os sujeitos da pesquisa possuem anos de atuação e idades diferentes; em relação à atuação docente, chama a atenção o fato de *Íaso* ser a mais jovem das entrevistadas, isso se justifica porque a Enfermagem possui a intencionalidade de crescimento, no campo docente. *Íaso* é a docente com menor idade, o que reforça a intencionalidade de crescimento que a profissão possui, em que profissionais mais jovens também têm a oportunidade de se destacar e contribuir para o desenvolvimento da profissão e, por isso, as suas diversas áreas vêm sendo ocupadas por pessoas mais jovens. De acordo com um estudo realizado pela empresa de pesquisas educacionais *Educa Insight* e divulgada Associação de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) em 2020, com o acometimento da pandemia, as procuras pelos cursos superiores de saúde aumentaram, como a enfermagem (Abmes, 2020).

Dadas as principais características dentre os sujeitos, os dois próximos tópicos tratam de uma análise referente aos discursos dos sujeitos da pesquisa. Ressalta-se que os dados em

comum serão trabalhados em conjunto para possíveis correlações discursivas, entretanto, sempre respeitando a particularidades do ser como um indivíduo único em constante processo de formação de seu meio.

As análises discursivas foram divididas em dois momentos: o primeiro trata sobre a educação como possível ferramenta filosófica da *parrhesía* e o segundo sobre as possíveis práticas *parrhesiásticas* dos educadores de enfermagem. Para tal, serão utilizados os discursos das quatro docentes sujeitos da pesquisa e as análises serão conduzidas de forma colaborativa, levando em conta as particularidades de cada sujeito. É relevante ressaltar que os discursos foram apresentados na íntegra, sem qualquer edição.

5.1 A educação como possível ferramenta filosófica da *parrhesía* e suas influências enquanto sujeito

Abre-se este tópico iniciaremos com a fala de *Epione*, “deusa da personificação calma suavidade da dor”. Quando questionada sobre “O que é ser educadora de enfermagem para você?”, ela começa seu discurso afirmando que:

[...] Ser um educador de enfermagem é aprender e reaprender todos os dias e por isso eu me sinto muito honrada em ser uma educadora de enfermagem. Eu penso que, eu pessoalmente estou tentando sempre me reinventar para dar o melhor para meus alunos [...]. (Epione).

A Enfermagem se revela como uma profissão do cuidado e é por meio desse cuidado que podemos compreender a essência da enfermagem. Entre as diversas funções e responsabilidades que a enfermagem desempenha no seu dia a dia, destaca-se o papel do enfermeiro como educador não apenas na educação em saúde, mas também na formação de novos profissionais através do ensino. Assumir a função de enfermeiro docente requer habilidades específicas no cuidado e, ao abraçar essa atividade, o enfermeiro busca estratégias inovadoras para dedicar-se aos diferentes contextos que envolvem a escola, a família e a coletividade (Sebold; Carraro, 2013).

O campo da Saúde ainda é um desafio quanto às assistências, pois ele adotou um modelo biomédico cartesiano com as ações focadas no tratamento da doença já instalada e com os profissionais específicos para cada funcionabilidade do corpo. Nessa perspectiva, a utilização de novos meios tecnológicos e o cuidado em saúde no âmbito hospitalar aumentaram, exigindo de modo intensivo, a (re)preparação constante dos profissionais para que acompanhem a emenda tecnológica na medida em que se presta um cuidado humanizado. Mesmo com essas

ações, que proporcionam impactos positivos no tratamento de uma doença específica, temos que enfatizar que o profissional de saúde, aqui envolvendo os enfermeiros, devem manter a sensibilidade de humanização em suas práticas, no sentido de atender o ser humano como um todo, em uma visão holística. Diante disso, é necessário que o educador de enfermagem esteja a par das novas transformações tecnológicas nas quais o modelo de saúde está inserido (Maraschin; Dametto, 2016).

Quando questionada sobre “O que é ser uma educadora de Enfermagem?”, nas palavras de *Epione*, ela traz que é imprescindível “aprender e reaprender”. Tais práticas devem estar atreladas à consideração do ser humano como um todo, em suas esferas biológicas, sociais e espirituais, não o restringindo como um portador de uma doença para seu tratamento. Por isso, as ações de *parrhesía* dos profissionais de saúde, desde sua graduação, sobre essas implicações filosóficas e pedagógicas são indispensáveis.

Ainda sobre o primeiro questionamento, a docente *Àceso* “deusa da personificação da cura”, também menciona sobre a necessidade do aprendizado: “[...] *Eu penso que eu tenho muito que aprender e sempre tenho que estar atualizando e estudando para poder dar o meu melhor[...]*” (*Àceso*).

É fato que todas as profissões buscam, ou deveriam buscar aperfeiçoamentos, e na enfermagem não é diferente. Enquanto educadores, é essencial a procura por novos métodos, novas abordagens e novas atualizações, ainda mais quando nota-se o mundo em um desenvolvimento tão rápido quanto o que vivemos. Tudo está mudando em cada instante.

A globalização é responsável por boa parte desta mudança em alta velocidade e de grandes impactos nas indústrias, na tecnologia e no transporte, mas pouco se fala sobre como ela influenciou na saúde das pessoas, contribuiu para o crescente número de obesidade, de portadores da Diabetes Mellitus, influenciou no aumento de consumo de produtos industrializados e multiprocessados, levou a humanidade à fadiga e ao estresse, O meio ambiente também foi modificado e isso se reflete nas ondas de calor e o efeito estufa. Todos essas linhas estão diretamente entrelaçadas a condição de saúde e do processo de saúde/doença. Dessa maneira, é preciso reconhecer que a globalização trouxe muitos benefícios para a sociedade como um todo, mas também emergiu temas de alta relevância para se voltar o olhar e o agir (Fortes; Ribeiro, 2014).

Com o educador em Enfermagem inserido nesse mundo globalizado, ele se depara com a necessidade de constantes informações e conhecimentos, principalmente sobre novas técnicas e sobre o funcionamento de aparelhos médicos. As coisas mudam e as informações são frequentemente atualizadas e, enquanto professor, é notória a importância de buscar se

informar, aprender e reaprender para que seu ensinar não se torne retrógrado:

Os enfermeiros-professores precisam estar preparados para encarar uma sociedade globalizada e com constantes avanços tecnológicos. O profissional enfermeiro está diante das transformações do mundo moderno, e deve pensar de forma crítica, possuir competências com compromissos éticos e de cidadania, autonomia, capacidade de resolver problemas, refletir e transformar a sua prática, porque apenas as habilidades técnicas não suprem mais as atuais necessidades do ser humano. Assim, a formação de recursos humanos exige dos enfermeiros-professores múltiplas competência, constituindo-se um dos grandes desafios na educação em enfermagem, tanto para os órgãos de formação como na produção de saber (Sebold; Carraro, 2012, p. 551).

Mesmo que não tenham citado verbalmente, as educadoras entrevistadas trabalharam no período da pandemia, o que justifica aqui também a importância de constantes atualizações em capacitações em saúde como na pandemia⁴. Indo pela constante busca da compreensão sobre contágio, período de incubação, sintomas, prevenção e tratamento (Machado, *et al.*, 2020). Realmente fazia-se necessário o compartilhamento de saberes, visando o bem estar do paciente e de seus alunos e também de si como profissional. Dentre tantos motivos elencados, observa-se a necessidade da educação como ferramenta primordial nas ações em saúde (Silva, *et al.*, 2021). Ainda sobre isso, podemos afirmar que,

A pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) nos incita a refletir sobre as ações de educação em saúde desenvolvidas pela enfermagem no processo de construção de conhecimentos, visando à promoção da saúde com autonomia e corresponsabilidade das pessoas no seu cuidado, a fim de alcançar uma atenção integral direcionada às necessidades afetadas no processo saúde-doença.[...] Entende-se, portanto, a educação em saúde como um processo de construção de conhecimentos que visa à autonomia do indivíduo e à potencialização do exercício de cidadania bem como do controle social sobre as políticas e serviços de saúde voltados para as necessidades da população (Pinheiro; Sánchez; Costa; Rodrigues, 2021, p. 2).

Indo de encontro, ainda com esse mundo globalizado, quando se trata do enfermeiro educador, ele está em uma situação em que os direcionam, equanto também pesquisadores, de forma quase coercitiva, a buscar meios questionáveis para sobreviver no meio acadêmico. Um exemplo disso é o uso de substâncias lícitas sem necessidade comprovada, que desequilibram o estado de saúde mental, caracterizando o chamado "neuroaprimoramento farmacológico". Essa terminologia ampliada refere-se ao doping moral, uma estratégia utilizada para ter mais artigos aceitos em periódicos de alta qualidade e evidenciar o status acadêmico; por isso torna-se importante ressaltar que essa prática vai contra os princípios éticos da pesquisa científica.

⁴“Pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa” (Instituto Fiocruz, 2021).

No entanto, a pressão por resultados e reconhecimento muitas vezes leva os pesquisadores a tomar medidas desesperadas. Nesse contexto, é fundamental promover uma reflexão sobre a valorização da qualidade e da integridade na produção científica. Os pesquisadores devem ser incentivados a buscar soluções inovadoras e criativas, sem comprometer a sua saúde mental ou a ética da pesquisa. É necessário criar um ambiente acadêmico que valorize o esforço e o mérito, em vez de apenas a quantidade de artigos publicados (Castiel; Moraes; Xavier, 2016).

Epione correlaciona o aprendizado “*aprender e reaprender*” com o adjetivo “*honrada*”, em suas palavras, “*Me sinto muito honrada*”. Ela demonstra uma inquietação genuína em relação ao impacto de seus ensinamentos nos alunos e se sente verdadeiramente honrada quando consegue ver os frutos de seu trabalho.

Dentre os fatores que contribuem para a sensação de prazer do professor em seu trabalho pode-se destacar o reconhecimento dos alunos, o vínculo estabelecido com cada turma e a oportunidade de colaborar com outros professores e alunos nas atividades de ensino. Além disso, exercer a docência na área de maior afinidade também reflete positivamente no trabalho, pois, quando alguém trabalha com algo que gosta e se identifica, há uma maior possibilidade de satisfação e de pertencimento da organização profissional (Souto, *et al.*, 2017).

Um ponto importante a ser ressaltado é a importância da visibilidade profissional dos professores perante a sociedade, a academia, a seus colegas e, até de si mesmos. Eles percebem que a docência oferece um potencial de conquista, de prestígio e de respeito social e esse reconhecimento opera no nível subjetivo do trabalhador, ou seja, afeta a forma como eles se sentem em relação ao seu trabalho. A sociedade valoriza elementos considerados prestigiosos, como o conhecimento científico e a competência técnica, o que faz com que esses profissionais se sintam reconhecidos e, conseqüentemente, experimentem maior prazer em sua profissão (Assis; Pacheco, 2017).

Outra docente que denota preocupar-se com o que seus alunos vão achar de si é *Àceso*, mas além do aluno, também se preocupa com sua liderança. Quando questionada sobre “O que você entende sobre correr riscos em sua profissão ao falar a verdade?”, ela responde que “[...] *Eu percebo que as vezes na minha vida profissional eu corro o risco de perder a confiança que o aluno tinha em mim ou eu perder meu cargo, ou então ser mal interpretada, ou não ter a oportunidade de explicar o porque eu não falei a verdade [...]*” (*Àceso*).

Nesse trecho ficam evidenciadas as relações de poder que estão presentes na sociedade, uma vez que, para Foucault, o poder não é único e estável, esse fato é apresentado na obra *Microfísica do Poder*, nela Foucault nos apresenta uma perspectiva sobre as sociedades

modernas. Ele argumenta que o poder não se limita mais ao âmbito econômico, mas se espalha por todos os aspectos da vida social, fragmentando-se em micropoderes. Essa nova organização do poder tem se mostrado eficaz, pois permite um controle embora sutil mas abrangente sobre as pessoas (França, 2017).

Por isso, optou pelo uso da palavra “poderes”, por não se limitar a apenas um aspecto, referente a isso:

[...] suas análises efetuam dois deslocamentos notáveis: se é verdade que não há poder que não seja exercido uns pelos outros – “os uns” e “os outros” não estando nunca fixados num papel, mas sucessiva, e até simultaneamente, inseridos em cada um dos pólos da relação -, então a genealogia do poder é indissociável de uma história da subjetividade; se o poder não existe se não em ato, então é do “como” que ele retorna para analisar suas modalidades de exercício, isto é, tanto à emergência histórica de seus modos de aplicação quanto aos instrumentos que se dá, os campos de onde ele intervém, a rede que ele desenha, e os efeitos que ele implica numa época dada. Em nenhum caso, trata-se, por consequência, de descrever um princípio de poder primeiro e fundamental, mas um agenciamento no qual se cruzam as práticas, os saberes e as instituições, e no qual o tipo de objetivo perseguido não se reduz somente à dominação, pois não pertence a ninguém e varia ele mesmo a história (Revel, 2005, p. 67).

Um emaranhado de teias de poderes é evidenciado na fala de *Àceso*. Um deles é a relação professor-aluno. Mesmo após tantas reflexões filosóficas de educação propostas às instituições de ensino, em geral, e não em sua totalidade, elas exercem o que Foucault chama de sistema disciplinador. Considero aqui, em especial, as instituições as quais são dirigidas pelas irmãs de caridade, que é o caso do local desse estudo. Elas são mais rígidas e firmes em seus posicionamentos em função das raízes nas quais foram estabelecidas. Diante desse sistema de ensino, Foucault, 1996, p.44, afirma:

O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus saberes e poderes?

Em perspectiva foucaultiana pode-se dizer que tudo é discurso e que ele sempre está mergulhado nas relações de poder, e só existe poder se houver saber; com isso “importa, portanto, deter-se sobre essas práticas discursivas e não discursivas, para compreender a rede diferenciada de poderes e saberes que nos produzem” (Fisher, 2001, p. 2).

Outro trecho discursivo interessante sobre as relações de poder é encontrado na fala de *Àceso*, ainda na mesma pergunta: “[...] *As vezes percebo que corro o risco de perder a confiança que o aluno tinha em mim ou eu perder meu cargo [...] ou não ter a oportunidade de explicar o porque eu não falei a verdade [...]*” (*Àceso*).

Dessa forma, nota-se claramente no discurso de *Àceso* o que Foucault trata de relações de poder. Na medida em que há poder na relação aluno-professor, também existe, nesse discurso, a relação de poder exercida sobre *Àceso* por parte de seus superiores, uma vez que ela mesmo fala que tem medo de perder seu cargo e não ter a oportunidade de se explicar o porquê não disse a verdade.

Para Foucault o poder não é em si algo ruim, pois através dele, pode se produzir saber. Em contrapartida, ele também refere que, ao sermos submetidos a diversas formas de objetificação, também somos inseridos em intrincadas teias de poder. Dessa forma, torna-se necessário estudarmos atentamente as práticas e as relações estabelecidas entre os indivíduos em cada processo; por isso ele acreditava que o poder não é detido para si, ele é exercido, como “uma ação sobre outra ação possível” (Foucault, 1982, p. 243). Então é válida essa preocupação de *Àceso* por parte de seus superiores, para praticar sua liberdade do falar franco, a *parrhesía*.

Afinal de contas, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder (Foucault, 1976, p. 29).

Além disso, Foucault (2002, p. 45), refere que as interações de poderes, tratam de:

Um instrumento de poder, de exercício de poder que permite a alguém que detém um segredo ou um poder quebrar em duas partes um objeto qualquer, de cerâmica etc., guardar uma das partes e confiar a outra parte a alguém que deve levar a mensagem ou a testar sua autenticidade. É pelo ajustamento destas duas metades que poderá conhecer a autenticidade da mensagem, isto é, a continuidade do poder que se exerce. O poder se manifesta, completa seu ciclo, mantém sua unidade graças a este jogo de pequenos fragmentos, separados uns dos outros, de um mesmo conjunto, de um único objeto, cuja configuração geral é a forma manifesta do poder.

Uma questão a ser discutida é sobre as possíveis aproximações e influências do ser docente para seu âmbito profissional. Afinal, um têm influência do outro? Na fala de *Epione*, quando perguntada sobre a possibilidade do campo pessoal influenciar no profissional, relata:

[...] Ser um educador de enfermagem mudou meu modo de viver, porque é você estar diante de novas tecnologias, novos equipamentos todos os dias. O modo em que vivo influencia em minha profissão sim, porque a gente é um educador dentro da sala de aula, ou quando estamos conversando com a população e até na família aplicamos esses conhecimentos [...] (Epione).

No diálogo de Teeteto sobre a *epistémé*, Sócrates não deixa claro o que vem a ser o conhecimento, ele deixa o diálogo aberto proporcionando inúmeras reflexões. Sócrates inicia perguntando para Teeteto “O que é o saber?”. Ele argumenta que qualquer habilidade ou

capacidade técnica representa conhecimento. Com uma série de exemplos, ele nos faz perceber que aquele que não entender a essência do conhecimento será incapaz de compreender qualquer forma de arte, por isso quando se fala sobre saberes, todos são válidos em uma sociedade,

que se aprendem com Teodoro são saberes — geometria e as que tu ainda agora enunciaste; por outro lado, também as artes do sapateiro e dos outros artesãos, todas e cada uma delas não são outra coisa, a não ser saber (Platão, Teeteto, 2001, p. 193).

Embora não haja um conceito padrão, Sócrates acredita que o conhecimento não está posto para simplesmente se fazer posse dele; ele é construído de acordo com nossas vivências, experiências e está ligado à arte e à alma. Partindo dessa compreensão, sabe-se que o conhecimento é uma competência e ele é inseparável da pessoa que o construiu.

Portanto, quando *Epione* menciona “ [...] a gente é um educador dentro da sala de aula, ou quando estamos conversando com a população e até na família aplicamos esses conhecimentos [...].” *Àceso* corrobora dizendo que

[...] O modo em que eu vivo eu acredito que influencia sim na minha profissão porque se você é um profissional que vive com bons princípios, com um bom embasamento isso reflete na forma em que você lida no dia a dia, inclusive no profissional. [...] Eu acho que tem aproximação sim, entre meus atos pessoais com a minha profissão, porque nós profissionais tudo que vivemos no nosso dia a dia, seja positivo ou negativo, acaba refletindo na sua vida pessoal, as vivências dos pacientes, de cada aluno, então eu acredito que reflete muito um campo no outro [...] (Àceso).

Ambos os discursos vão ao encontro do pensamento socrático, pois as enfermeiras educadoras em questão já tiveram contato com inúmeras informações acerca de ações em saúde, por isso, além delas não poderem, ela não conseguem, no sentido literal da palavra, dissociar-se dessa bagagem de conhecimento.

Ainda *Àceso* menciona que, como educador, deve ser um bom exemplo: “[...] as pessoas te vêem como líder, como um exemplo, então a gente tem que estar sempre mantendo essa sua postura de boa educadora de que você realmente veste a camisa do que você ensina [...]”.

Sobre ser uma pessoa que transmita bons exemplos aos outros, o pensamento de Sócrates era:

Ora, como lhe seria possível, se ele próprio assim se comportava, tornar outros ímpios, desrespeitadores da lei, desregrados, licenciosos ou preguiçosos? Pelo contrário, até, curou vícios desses em muita gente fazendo com que desajassem a virtude e partilhassem da esperança de, preocupando-se consigo mesmos, atingirem a perfeição. É bem verdade que, em circunstância alguma, ele admitiu que transmitia tais ensinamentos; mas o seu comportamento

levava os que com ele conviviam a confiarem que, imitando-o, poderiam vir a ser como ele. Mais ainda, também com o corpo lhe faltava cuidado e não louvava os despreocupados. De modo que criticava também aqueles que, depois de terem exagerado na comida, iam exagerar no exercício físico; embora até aprovasse a prática do exercício, desde que de modo equilibrado e até ao ponto em que era agradável para a alma, uma vez que era uma prática bastante saudável e que não prejudicava o cuidado com a ter com a alma. E também não era nada esquisito, nem exibicionista, nem com o que vestia, nem com o que calçava, nem no seu comportamento. Além do mais, não aliciava a ambição dos que o acompanhavam, porque não só punha um travão noutros desejos como não exigia dividendos àqueles que procuravam a sua companhia. Acreditava ele que, com esta atitude, ganhava a sua liberdade. E acusava de a alienarem aqueles que recebiam um salário pelos seus ensinamentos, porque se obrigavam a si próprios a dialogar com quem lhes pagasse (Platão, Xenofonte, 1972, p. 67-68).

Sócrates nunca cobrou pelos seus ensinamentos. Para ele, o valor estava na disposição das pessoas em ouví-lo e em sua capacidade de ir além da teoria. Sócrates conquistava verdadeiras amizades. Por isso, ele acreditava que a prática era tão importante, senão mais, do que as palavras proferidas:

O discurso filosófico de Sócrates era vinculado com a forma de viver e a filosofia um exercício que o preparava para a sabedoria. Exercícios espirituais que o transformavam interiormente, e seus discursos coadunavam com suas ações. Surgia, portanto um imenso movimento diante do “Mito Sócrates”. A ideia de filosofia se vincula a este “modo de vida”. “Modo de vida” cujo exemplo mítico está relacionado com as incessantes buscas pela virtude, pelo conhecimento e verdade, pois ele dizia: “sei que nada sei”, “conhece-te a ti mesmo”, “cuida de si” (Silveira, 2014, p. 115).

À *aceso* também se preocupa em ser um exemplo para os outros: “[...] *as pessoas te veem como um líder, um exemplo [...]*”. Por isso, há a real preocupação com sua postura, seja dentro ou fora da sala de aula.

Para Sócrates, o sujeito está em um constante amadurecimento de ideias sobre si na medida em que vê no outro, um exemplo a ser seguido. Dessa maneira, pode-se considerar o processo educacional de Sócrates como uma *paidéia*⁵:

[...] estamos diante de uma *paidéia* como problematização e como pesquisa, que visa a um indivíduo em constante amadurecimento de si próprio, acolhendo em seu interior a voz do mestre e fazendo-se mestre de si mesmo. A formação humana é para Sócrates maiêutica (operação de trazer para fora)

⁵ “A *paidéia* de Sócrates é problemática e aberta; mas fixa o itinerário e a estrutura do processo com as escolhas que o sujeito deve realizar; consigna um modelo de formação dinâmico e dramático, mas ao mesmo tempo individual e universal. Estamos diante de um modelo de *paidéia* entre os mais lineares e densos, já que Sócrates bem reconhece o caráter pessoal da formação, seu processo carregado de tensões, sua tendência ao autodomínio e autodireção e o fato de ser uma tarefa contínua. A “pedagogia da consciência individual” orientada pela filosofia (típica de Sócrates) qualifica-se como, talvez, o modelo mais móvel e original produzido pela época clássica; características que, por milênios, tornarão tal modelo paradigmático e capaz de incidir em profundidade sobre toda a tradição pedagógica ocidental” (Cambi, 1999, p. 88).

e diálogo que se realiza por parte de um mestre o qual desperta, levanta dúvidas, solicita pesquisa, dirige, problematiza etc por meio do diálogo, que abre para a dialética (para a unificação através da oposição, construindo uma unidade que tende a tornar-se cada vez mais rica). A ação educativa de Sócrates consiste em favorecer tal diálogo e a sua radicalização, em solicitar um aprofundamento cada vez maior dos conceitos para chegar a uma formulação mais universal e mais crítica; desse modo se realiza o “trazer para fora” da personalidade de cada indivíduo que tem como objetivo o “conhece-te a ti mesmo” e a sua realização segundo o princípio da liberdade e da universalidade (Cambi, 1999, p. 88).

Sócrates acreditava que o importante não era a imposição de saberes ou conhecimentos e sim, partir da observação das ações de seu mestre, nesse caso apliquemos ao educador, tendo assim a construção de si atravessada pela *paidéia*. Pensamento que, de certa forma faz sentido no âmbito Socrático, quando *Àceso* menciona a sua preocupação em ser um exemplo, dentro e fora da sala de aula.

A subseção a seguir, trata sobre a ética e o cuidado de si *parrhesiástico*.

5.2 A Ética e o cuidado de si *parrhesiástico*

Este tópico transcorre sobre a ética e o cuidado de si *parrhesiástico* encontrado nos discursos dos sujeitos participantes. *Epione* inicia seu discurso mencionando que aplica a ética enquanto docente e faz dos erros, seus aprendizados, quando questionada “Você aplica a ética nas suas práticas enquanto docente?”, responde que “[...] *Eu aplico minha ética profissional como docente totalmente, percebo quando erro e levo isso como lição pra minha vida tentando não errar duas vezes [...].*”

A palavra ética, em latim *éthica*, significa de modo geral o modo de conduta do sujeito (Abbagnano, 2007). Sobre esse conceito, Foucault trabalha em *História da Sexualidade*, Revel (2001, p.45), escreve que:

a ética concerne à maneira pela qual cada um constitui a si mesmo como sujeito moral do código: Dado um código de condutas [...], há diferentes maneiras de o indivíduo 'conduzir-se' moralmente, diferentes maneiras para o indivíduo, ao agir, não operar simplesmente como agente, mas sim como sujeito moral dessa ação.

A ética está relacionada à forma como cada indivíduo se torna um sujeito moral dentro de um código. Diante de um conjunto de regras, existem diversas maneiras de agir moralmente, não apenas como um agente, mas como um sujeito moral dessa ação.

A *parrhesía* surge sendo orientada pela ética. Dessa forma:

Filosofia, nesta perspectiva, se revela como, não meramente doutrina de proposições verdadeiras, mas como um conjunto de ações discursivas destemidas, que, no mundo, visam dizer o verdadeiro em situações em que o filósofo é chamado a provar a verdade de seu discurso a partir do estabelecimento de uma coerência entre a mesma e as suas próprias condutas. O filósofo não apenas como aquele capaz de expressar um conjunto de saberes teóricos que contém substantivamente o verdadeiro, mas como alguém de carne e osso capaz de militar em nome deste verdadeiro (Ribeiro, 2016, p. 142).

Falar a verdade sobre si está distante de ser um exercício fácil, mas não é impossível. Para Sócrates, a vida só teria sentido à medida em que o sujeito torna conhecedor de si, reconhece seus limites, potencialidades e fraquezas “viver cada dia de maneira a tornar-se, o mais possível, mestre de si” (Platão; Carta VII, 331e); essa prática tem em si experiências de situações vividas, por isso, o ser *parrhesiasta* não fala mediante a um “achismo”, e sim baseado em suas melhores escolhas (*proairesis*), guiando-se por sua ética (Accosta; Gallo, 2021).

Quando *Epione* menciona que ela aplica a ética no seu âmbito profissional, baseando-se em suas experiências, vai de encontro a esses pensamentos o de que nossas ações são baseadas em nossas escolhas, que, por sua vez, são julgadas por serem a melhor alternativa em um determinado momento. E esse processo é guiado por nossa conduta ética.

Corroborando, Foucault (2008, p. 325-326) menciona que a *parrhesía* é:

[...] uma prática que encontra, na crítica à ilusão, ao engodo, ao engano, a adulação, sua função de verdade. É, enfim, uma prática que encontra na transformação do sujeito por ele mesmo e do sujeito pelo outro seu objeto de existência. A filosofia como exterioridade face à uma política que constitui a prova de realidade, a filosofia como crítica face a um domínio de ilusão que lhe coloca no desafio de se constituir como discurso verdadeiro, a filosofia como ascese; ou seja, como constituição do sujeito por ele mesmo.

Àceso, por sua vez, foi professora na disciplina de ética em enfermagem. Quando questionada se ela aplica a ética na docência, respondeu que:

[...] Aplico com certeza minha ética na docência, ainda mais por ter sido uma professora de ética também. Eu percebo quando eu erro, mas não aceito, eu acho difícil a gente aceitar errar, eu fico frustrada, fico triste, eu queria ter sido a melhor, fazer tudo perfeito, mas a gente infelizmente é humano e na nossa profissão acontece da gente errar, então, eu fico muito triste [...] (Àceso).

A ética é uma das disciplinas da graduação em Enfermagem. O Ministério da Educação, em suas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, trata sobre o perfil do formando egresso:

Enfermeiro, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Profissional qualificado para o exercício de Enfermagem, *com base no rigor*

científico e intelectual e pautado em princípios éticos. Capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na sua região de atuação, identificando as dimensões bio-psico-sociais dos seus determinantes. Capacitado a atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano. *Enfermeiro* com Licenciatura em Enfermagem capacitado para atuar na Educação Básica e na Educação Profissional em Enfermagem (Brasil, 2001, grifo da autora).

Como mencionado, a ética é uma competência que o enfermeiro deve ter para sua atuação no mercado de trabalho e, por isso, é ofertado, desde o curso de graduação, a disciplina de ética e bioética em enfermagem, que visa proporcionar um campo rico para debates, aliado com os campos de ensino clínico, proporcionando, para o então aluno, vivências e conseqüentemente (re)construções de si como sujeito e profissional. *À*ceso já lecionou a disciplina de ética na graduação e o que chama a atenção é que, mesmo com sua experiência na área, ela percebe quando erra, mas não aceita.

O Código de Ética dos profissionais de Enfermagem (CEPE), que já foi discutido no decorrer deste estudo, é um documento imprescindível para a atuação profissional. Por isso, o enfermeiro deve ter o conhecimento sobre ele, o que prevê em seu artigo 26: “Conhecer, cumprir e fazer cumprir o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem e demais normativos do Sistema Cofen/Conselhos Regionais de Enfermagem” (Cepe, 2022). É, portanto, um dever do indivíduo, enquanto enfermeiro, respeitar e garantir a aplicação do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem e demais regulamentos do Sistema Cofen/Conselhos Regionais de Enfermagem.

O CEPE traz que as ações em enfermagem devem ser livres de danos ou erros. De acordo com o art. 45, em seu Capítulo II sobre seus Deveres: “Prestar assistência de Enfermagem livre de danos decorrentes de imperícia, negligência ou imprudência” (Cepe, 2022). Ou seja, o enfermeiro deve garantir uma assistência de Enfermagem, sem qualquer possibilidade de danos causados por erros, descuido ou falta de cautela.

Ainda nesta sessão, o art. 47 estabelece: “Posicionar-se contra, e denunciar aos órgãos competentes, ações e procedimentos de membros da equipe de saúde, quando houver risco de danos decorrentes de imperícia, negligência e imprudência ao paciente [...]” (Cepe, 2022). O enfermeiro deve manifestar-se contrariamente e reportar às autoridades competentes as condutas e práticas inadequadas dos profissionais de saúde, que possam representar perigo e causar danos ao paciente, em decorrência de falta de habilidade, negligência ou imprudência.

O art. 51 contempla: “Responsabilizar-se por falta cometida em suas atividades profissionais, independentemente de ter sido praticada individual ou em equipe, por imperícia,

imprudência ou negligência, desde que tenha participação e/ou conhecimento prévio do fato” (Cepe, 2022). Cabe ao profissional de enfermagem assumir a responsabilidade por erros cometidos no desempenho das funções profissionais, seja de forma individual, seja em equipe, por falta de habilidade, falta de cautela ou falta de atenção, quando tiver conhecimento prévio do ocorrido.

Entende-se por negligência, imperícia e impudência:

A negligência consiste na inação, inércia, passividade ou omissão, entendendo que é negligente quem, podendo ou devendo agir de determinado modo, por indolência ou preguiça mental, não age ou se comporta de modo diverso. A imperícia reveste-se da falta de conhecimento ou de preparo técnico ou habilidade para executar determinada atribuição [...] Em contrapartida, a imprudência decorre da ação açodada, precipitada e sem a devida precaução (Freitas; Oguisso, 2003, p. 637).

Embora o erro seja inerente ao ser humano, ele não pode ter espaço na área da saúde, muito menos na enfermagem. A assistência em enfermagem deve ser livre de danos ou intecorrências e isso só se alcança por meio de constantes reflexões de suas práticas enquanto docente, em doses de dedicação em estudos, em capacitações, em educação continuada, por partilhas de experiências, em rodas de conversas, em participações de congressos, com desenvolvimento de pesquisas e com as publicações científicas. Com isso, além de capacitação profissional, neste estudo o educador em enfermagem colabora também com o fortalecimento da enfermagem como ciência.

Ainda sobre as possíveis interferências em ações de cuidado pessoal enquanto educador, *Ìaso* relata:

[...] Eu acredito sim que o modo em que eu vivo influência na minha profissão sim, porque os hábitos em que fui adquirindo em minha vida estão muito relacionados com a saúde, como por exemplo não fumar, fazer atividade física e procurar ter uma boa saúde mental [...] Percebo uma certa aproximação do meu pessoal com profissional que com o passar do tempo você acaba que nem nota mais, você associa e acostuma [...] (Ìaso).

O trecho acima aborda o conceito de cuidado de si, conforme descrito por Sócrates. O filósofo ia além da *tékhnē*, acreditando que o *parrhesía* era uma forma de cuidado consigo mesmo - *epiméleia heautoû*. Essa temática é explorada em várias obras, incluindo “As Memoráveis”, de Xenofante.

Xenofante, um historiador, filósofo grego e discípulo de Sócrates, dedicou grande parte de sua vida a escrever sobre os pensamentos socráticos. Em cada capítulo, defende diferentes posicionamentos filosóficos, e a discussão sobre o cuidado de si surge quando Sócrates

questiona *Eutidemo* sobre o templo de Delfos, onde estava escrito conhece-te a ti mesmo (*gnôthi seautón*):

- Mas, pelos deuses, Sócrates! Estava eu convencido que andava a aprender como chegar a sábio e que assim, acreditava eu, teria a educação que mais convém àquele que aspira a ser perfeito; mas agora, bem podes imaginar como me sinto desanimado ao ver que, depois de tantos esforços, nem sequer sou capaz de responder às tuas perguntas sobre o que faz mais falta saber, nem tenho qualquer caminho que me conduza a ser melhor. Sócrates, então, perguntou-lhe: - Diz-me lá, Eutidemo, já alguma vez foste a Delfos? - Sim, por Zeus! E duas vezes! - E viste lá nalgum sítio do templo a máxima «Conhece-te a ti mesmo»? - Vi. - E não deste importância a essas palavras, nem tomaste atenção ou tentaste examinar-te a ti mesmo? (Platão; Xenofante, Os Memoráveis, 1972, p. 240).

Isso porque, para visitar o Oráculo de Delfos, a pessoa deveria seguir dois princípios. Um era o nada em demasia - (*medèn ágan*) -, ou seja, levar na presença dos deuses somente o que fosse extritamente necessário, sem exageros; o outro era não prometer aquilo que não irá cumprir - (*engýe*). Tão somente mediante a isso, surge o seguinte pensamento: É necessário conhecer te a ti mesmo – (*gnôthi seautón*) - para então cuidar de si – (*epiméleia heautoû*) (Cupello, 2021).

Para Foucault (1994, p. 712):

O cuidado de si constituiu, no mundo greco-romano, o modo pelo qual a liberdade individual –ou a liberdade cívica, até certo ponto foi pensada como ética. Se se considerar toda uma série de textos desde os antigos diálogos platônicos até os grandes textos do estoicismo tardio –Epícteto, Marco Aurélio... –ver-se-á que esse tema do cuidado de si atravessou verdadeiramente todo o pensamento moral [...] nos gregos e romanos – sobretudo nos gregos –para conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer –eis o aspecto familiar do *gnôthi seautón*– e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo.

A perspectiva de Foucault sobre o cuidado de si tem suas raízes nas tradições filosóficas socráticas e platônicas. Os debates em torno do conceito de cuidado de si – (*epiméleia heautoû*) – remontam à Grécia antiga em que se referia ao ato de dedicar-se a si mesmo por meio de uma série de exercícios filosóficos que visavam o autoconhecimento:

O solo da *epiméleia heautoû*, traduzido pelos latinos como *cura sui* e para o português como cuidado de si, diz respeito à atitude diferente consigo, com os outros e com o mundo; indica a conversão do olhar do exterior para o próprio interior como modo de exercer a vigilância contínua do que acontece nos pensamentos; sugere ações exercidas de si para consigo mediante as quais alguém tenta modificar-se; designa maneiras de ser, formas de reflexão e de práticas que conformam o núcleo da relação entre subjetividade e verdade (Candioto, 2008, p. 91).

O cuidado de si possui, na Filosofia, três grandes momentos: o primeiro é o socrático/platônico, que analisa o cuidado de si por meio de reflexões acerca do seu surgimento; o segundo momento é quando aplica-se na cultura helenística/romana, quando ele ficou conhecido como “idade de ouro” e, por fim, o terceiro, no cristianismo (Galvão, 2014). A pesquisa se atenta, em especial, ao socrático/platônico.

Para os gregos, o Cuidado de Si se aplica pela liberdade. Dessa maneira, para o sujeito ser capaz de cuidar de si, ele deve partir do princípio do conhecimento de si (Foucault, 2004). No diálogo em Alcibíades, ele era um jovem órfão, adornado de beleza e de riquezas, entretanto, com o passar do tempo, notou que não possuía mais a beleza que tinha e, ao identificar isso, constatou que, por muito tempo, não tinha cuidado de si (Foucault, 2006).

[...] Quem está preocupado no cuidado de si no Alcibíades não é o próprio Alcibíades, mas Sócrates, o outro, a partir de então a história do cuidado de si passa a ser vista não como uma relação pura de isolamento do sujeito em si mesmo. [...] Sócrates começa a cuidar ou a se interessar pela forma pela qual Alcibíades cuida de si mesmo. E esta preocupação 74 de Sócrates, do outro, é o que define a figura do mestre da dinâmica do cuidado de si [...] (Oliveira, 2011, p. 80).

Com Sócrates, pode-se compreender que o cuidado de si, descrito em Alcibíades, também media o cuidado para com a cidade, mas, para isso o sujeito deve, a princípio, conhecer a si para o cuidado de si e somente dessa maneira ele pode exercer o cuidado com o outro (Foucault, 1985). De acordo com os pensamentos dos epicuritas, há uma estreita ligação da *parrhesía* com o cuidado de si, em que o cuidado de si assume uma relação com a alma (Foucault, 2001).

Ao retornar à *Íaso*, pode-se notar uma prática de cuidado consigo, quando diz: “[...] *Hábitos em que fui adquirindo em minha vida estão muito relacionados com a saúde, como por exemplo não fumar, fazer atividade física e procurar ter uma boa saúde mental [...]*”. Considerando que o cuidado de si é um termo amplo filosófico, ele não se limita à esfera biológica. Devido a isso, neste contexto, não é confortável afirmar que o cuidado de si, descrito por *Íaso*, é *parrhesiástico*.

Mesmo assim, é válido mencionar que o modo como o sujeito educador interage com o ambiente de trabalho e as pessoas nele inseridas é capaz de produzir sentimentos e aprendizados. Dessa forma, é necessário compreender que nenhum ambiente é neutro, mas reproduz seus efeitos no indivíduo (Souto, *et al.*, 2017).

5.3 Possíveis práticas *parrhesiásticas* dos educadores de Enfermagem

Pode-se considerar que este último tópico seja o núcleo principal do trabalho. Nele, serão abordadas as possíveis práticas *parrhesiásticas* dos educadores de enfermagem.

A análise dos registros das seis palestras ministradas por Michel Foucault na Universidade da Califórnia, em Berkeley, 1983, revelou uma abordagem sobre o conceito de *parrhesía*. Este tema foi de grande interesse para o filósofo nos últimos três anos de sua vida (FOUCAULT, 2001). O autor dedicou seus últimos anos de vida ao resgate do conceito de *parrhesía* e examinou textos simbólicos para o pensamento ocidental, utilizando uma genealogia das práticas para destacar a relação entre uma experiência ética e a coragem. Aqueles que se arriscavam a falar a verdade, mesmo diante de perigo iminente, eram os únicos capazes de exercer a *parrhesía* (Soler; Krolikowski, 2016).

O conceito grego de *parrhesía*, que significa "a tudo dizer", surgiu na Antiguidade greco-romana e se estendeu até os primórdios da cultura cristã. Além de falar francamente e ter coragem de dizer a verdade, a *parrhesía* engloba a liberdade de expressão e ação tanto na esfera pública, quanto na privada. Foucault, ao estudar o cuidado de si, percebeu que a constituição do sujeito está intrinsecamente ligada à relação entre o sujeito e a verdade (Foucault, 2001).

Em Sócrates, a *parrhesía* consiste em expressar a verdade sem rodeios, ter a coragem de emitir sua opinião sincera. É importante ressaltar que a busca pela verdade, no discurso *parrhesiástico*, não implica na correspondência com um padrão absoluto e transcendente, mas na convicção e na sinceridade do falante em relação à opinião que tem sobre determinado tema. A *parrhesía* tem como principal objetivo afirmar a honestidade e integridade do falante, assim como o evidente senso crítico presente em seu discurso (Silva, 2019).

A prática da *parrhesía*, que Sócrates observava na assembleia e na vida social de Atenas, também era aplicada em suas conversas filosóficas. A dialética socrática consistia em questionar e responder, com o objetivo de desmascarar opiniões falsas no sistema de crenças do interlocutor. Embora o método de refutação socrático se assemelhasse ao dos argumentos dos sofistas, ele se distinguia por buscar a verdade no âmbito moral. Sócrates não buscava apenas impor uma opinião sobre outra, mas sim descobrir verdades. “A *parrhesía* é, portanto, essencial à dialética” (Silva, 2019, p. 8).

Adentrando no universo discursivo sobre a *parrhesía*, foi perguntado aos sujeitos da pesquisa: o que era falar a verdade? *Epione* considera que: “Falar a verdade é não dizer meias verdades, é colocar o aluno de frente com a realidade que ele vai viver no futuro”. Para *Àceso*: “Falar a verdade [...] é muito simples, é o contrario de não mentir”. *Higéia* menciona que: “Falar a verdade vai além, é colocar em prática todos os dias, porque acima de tudo a verdade sempre vai prevalecer e temos que ser profissionais que os alunos espelham e sintam a verdade

em nós”. Isso tem que “Falar a verdade pra mim, é ser sincera acima de tudo, independente da situação, sendo notícia boa ou desagradável, independente é ser sincera em tudo”.

No grego, a palavra verdade deriva de *alétheia*, que significa o que não está oculto ou não escondido; em latim, *veritas*, referindo-se à exatidão e à precisão do fato e em hebraico, *emunah*, que é confiança e perfeição narrada (Garcia, 2001).

Nesta pesquisa, parte-se da compreensão sobre a verdade como *alétheia*, que aparece nos diálogos entre Sócrates e Glauco na *Alegoria da Caverna*, encontrada na obra *A República*, de Platão. Platão se dedica a refutar os argumentos dos sofistas e sua visão relativista. Ele propõe uma norma ideal de justiça, que é concebida como uma entidade inteligível e perfeita, a qual deve ser absoluta para aqueles que a buscam. A razão desempenha um papel fundamental nessa jornada em busca da justiça e da prática dessa virtude. A narrativa da República de Platão é habilmente conduzida por Sócrates, a figura central da história:

Sócrates: Agora imagine a nossa natureza, segundo o grau de educação que ela recebeu ou não, de acordo com o quadro que vou fazer. Imagine, pois, homens que vivem em uma morada subterrânea em forma de caverna. A entrada se abre para a luz em toda a largura da fachada. Os homens estão no interior desde a infância, acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de modo que não podem mudar de lugar nem voltar a cabeça para ver algo que não esteja diante deles. A luz lhes vem de um fogo que queima por trás deles, ao longe, no alto. Entre os prisioneiros e o fogo, há um caminho que sobe. Imagine que esse caminho é cortado por um pequeno muro, semelhante ao tapume que os exibidores de marionetes dispõem entre eles e o público, acima do qual manobram as marionetes e apresentam o espetáculo.

Glauco: Entendo

Sócrates: Então, ao longo desse pequeno muro, imagine homens que carregam todo o tipo de objetos fabricados, ultrapassando a altura do muro; estátuas de homens, figuras de animais, de pedra, madeira ou qualquer outro material. Provavelmente, entre os carregadores que desfilam ao longo do muro, alguns falam, outros se calam.

Glauco: Estranha descrição e estranhos prisioneiros!

Sócrates: Eles são semelhantes a nós. Primeiro, você pensa que, na situação deles, eles tenham visto algo mais do que as sombras de si mesmos e dos vizinhos que o fogo projeta na parede da caverna à sua frente?

Glauco: Como isso seria possível, se durante toda a vida eles estão condenados a ficar com a cabeça imóvel?

Sócrates: Não acontece o mesmo com os objetos que desfilam?

Glauco: É claro.

Sócrates: Então, se eles pudessem conversar, não acha que, nomeando as sombras que vêem, pensariam nomear seres reais?

Glauco: Evidentemente.

Sócrates: E se, além disso, houvesse um eco vindo da parede diante deles, quando um dos que passam ao longo do pequeno muro falasse, não acha que eles tomariam essa voz pela da sombra que desfila à sua frente?

Glauco: Sim, por Zeus.

Sócrates: Assim sendo, os homens que estão nessas condições não poderiam

considerar nada como verdadeiro, a não ser as sombras dos objetos fabricados (Platão, A República, 2000).

Essa alegoria retrata a história de homens que estavam aprisionados e, após tanto tempo, se adaptaram e se conformaram com suas condições. Eles se acostumaram a enxergar apenas as sombras projetadas na caverna pela luz de uma fogueira, acreditando que essa era a única realidade e verdade. No entanto, um dos prisioneiros conseguiu se libertar e, ao sair da caverna, pode contemplar o mundo externo - a verdadeira realidade. Empolgado, ele retornou à caverna para compartilhar sua descoberta e incentivar os outros a se libertarem, mas infelizmente não foi ouvido, e os demais permaneceram presos ao mundo das sombras.

Nota-se, portanto, que *Epione* vai ao encontro do referencial teórico defendido nesta pesquisa, uma vez que ela correlaciona a necessidade da verdade com a realidade, fluindo conforme o que foi retratado na ‘Alegoria da Caverna’. Segundo ela: “*Falar a verdade é não dizer meias verdades, é colocar o aluno de frente com a realidade*”.

Na prática da *parrhesía*, o sujeito utiliza sua real liberdade e opta pela franqueza em vez de usar técnicas persuasivas; escolhe a verdade, em vez de mentir ou se calar, assume o risco em vez de buscar segurança, faz críticas em vez de elogios e prioriza o dever moral, em vez de interesses pessoais. O praticante da *parrhesía* utiliza as palavras e formas de expressão mais diretas que encontra a fim de influenciar a mente das outras pessoas, transmitindo suas crenças de forma clara e direta. Essas ações podem se manifestar em pequenos grupos ou no contexto de uma comunidade, assim como nas relações humanas (Foucault, 2001). Esse pensamento também fortalece o ato discursivo de *Epione*.

Para *Higéia*, a *alétheia* deve ser colocada em prática e ela sempre vai prevalecer: “Falar a verdade vai além, é colocar em prática todos os dias, porque acima de tudo a verdade sempre vai prevalecer”; quando ela diz que a verdade sempre vai prevalecer acaba colocando um certo ‘peso’ naquele que a fala. Por isso, para ser considerado *parrhesiasta*, o sujeito deve possuir algumas características fundamentais: a franqueza, a verdade, o perigo, o dever e a crítica (Foucault, 2001).

Para *Íaso*, a verdade deve ser dita independente da situação: “*Falar a verdade pra mim, é ser sincera acima de tudo, independente da situação*”.

A *parrhesía* surge da prática política na Grécia, onde o direito de cidadania era expresso pela *parrhesía*, que consistia na liberdade de expressão e na capacidade de dizer o que se pensava. No entanto, essa condição era reservada apenas aos homens livres. O segundo aspecto de sua evolução está intrinsecamente ligado ao âmbito político, sendo uma característica

fundamental na democracia ateniense bem como uma atitude ética e pessoal que define um bom cidadão. A questão da *parrhesía* envolveu uma interação complexa entre a razão, a verdade e a lei, portanto, a *parrhesía* era a qualidade pessoal de um conselheiro do rei.

Por meio da Filosofia, em particular da fundação da Filosofia moral, a *parrhesía* deixou de ser simplesmente tomar a palavra com liberdade e expressar o que se pensa. É sobre dizer a verdade e mostrar coerência entre o que se pensa e o que se faz. A *parrhesía* abrange outros aspectos além da liberdade política, sendo, agora, entendida dentro do contexto do governo de si e do governo dos outros (Pinho, 2015).

Sócrates não era apenas um mestre do cuidado de si, mas também um habilidoso *parrhesiasta*, alguém que frequentemente usava a *parrhesía*. Ele se destacava como uma figura *parrhesiasta*, pois personificava o pensamento da época, que enfatizava a harmonia entre pensamento, fala e ação. Sócrates desafiava constantemente os atenienses nas ruas, instigando-os a cuidar da sabedoria, da verdade e da perfeição de suas almas (Foucault, 2001). Embasando-se nisso, sim, a prática da *parrhesía* se pressupõe sinceridade e franqueza.

Áceso menciona que falar a verdade é o contrário de não mentir. Com essa fala, é possível encontrar em seu discurso uma preocupação com a exatidão do conceito do termo. Áceso parte para um caminho um pouco diferente das demais; ela está fundamentada em uma raiz latina, na qual o conceito da verdade reside na exatidão das coisas, a *veritas*.

Outro questionamento realizado para os sujeitos da pesquisa era se eles colocariam a sua vida profissional em risco em prol da *parrhesía*. De modo geral, todos os sujeitos afirmaram que sim, com a exceção de Áceso.

Áceso, a educadora que já lecionou a disciplina de ética em enfermagem, disse que:

[...]Eu só falaria e admitiria meus erros, somente a quem fosse necessário, porque se não, não haveria aprendizado, estaria sendo antiética, estaria possivelmente prejudicando o outro e a gente sabe que no nosso código de ética que quanto mais rápido e quanto mais você falar a verdade, menos punição você tem; e nem é pra ter uma punição é pra ter uma correção, então sim [...] (Áceso).

Não se trata apenas de analisar as diferentes formas de discurso que são reconhecidas como verdadeiras. O que realmente importa é compreender de que maneira, ao expressar a verdade, o indivíduo se constrói e é construído pelos outros como sujeito que pronuncia um discurso verdadeiro. É fundamental entender como ele se apresenta aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros quando diz a verdade e qual é a forma desse sujeito que busca a verdade (Foucault, 2011).

Embora Áceso não tenha sido categoricamente afirmativa em sua resposta como as

demais, isso não significa que ela não tenha uma prática *parrhesiasta*. Ela se desprende do que se esperaria com uma resposta convencional e fala abertamente sobre o que pensa “*falaria a verdade somente a quem fosse necessário*”, considerando a forma em que o discurso foi colocado e não o discurso em si, é possível identificar práticas *pahrresiásticas* também dessa educadora de enfermagem.

Ainda sobre isso, Íaso menciona que:

Falaria a verdade sim, mesmo que trouxesse consequências pra minha vida profissional, porque não é só sobre mim, eu posso ter prejudicado a saúde de outro, então nosso caráter faz com que a gente busque melhorias, aconteça o que acontecer, independente do resultado de nossas ações (Íaso).

O sujeito *parrhesiasta* é o responsável pelo seu enunciado franco. Na *Apologia*, em Sócrates, os jogos *pahrresiásticos* se entrelaçam e, por isso, “é preciso que a enunciação da verdade intervenha em condições bem definidas: não se é *parrhesiasta* por simplesmente dizer à verdade que, quando diz a verdade, se expõe a risco: é sua coragem que se mostra em sua ação de dizer a verdade” (Adorno, 2004, p. 60).

A *parrhesía* é uma virtude ética que torna o *parrhesiasta* responsável por sua fala franca. Na *Apologia* de Sócrates, os jogos *pahrresiásticos* se entrelaçam, exigindo que a enunciação da verdade ocorra em condições bem definidas. Ser *parrhesiasta* não é apenas dizer a verdade, mas sim ter a coragem de expor-se a riscos ao fazê-lo.

De acordo com Ortega, 1999, p. 112:

A *Apologia* de Sócrates constitui um exemplo extraordinário de *parrhesía*. Sócrates arrisca sua vida por dizer a verdade, porém, diferentemente de Sólon, não fala como *parrhesiasta* político, mas como médico, pai ou irmão, renunciando à política para dizer a verdade da filosofia. A missão socrática como *parrhesiasta* ético não consiste em fazer política, trata-se antes de animar os outros a se ocuparem de si (*phronesis*), de sua verdade (*alétheia*) e de sua alma (*psyche*). Esses três elementos constituem uma ética, uma forma de se comportar em relação à verdade.

Íaso menciona quealaria a verdade mesmo que ela lhe causasse consequências, e é justamente disso que se trata a *parrhesía* Socrática/Platônica. Além disso, ela faz, ainda que de maneira sutil, uma associação da *parrhesía* com seu eu, evidenciado quando menciona a necessidade de dizer a verdade para ir ao encontro de seu caráter, de seu *ethos*. Esse momento também é caracterizado por práticas de *parrhesía* enquanto educador.

Higéia respondeu que:

[...] Falaria a verdade sempre que fosse necessário, mesmo que tenha consequências, porque é o que nos faz ser visto como profissional de verdade,

pra que isso depois não lhe pese em sua cabeça, no seu pensamento e que você não se sinta mal perante isso[...].

Enquanto educador de Enfermagem, as atividades desenvolvidas são inúmeras, desde as que envolvem as aulas práticas, os estágios, o acompanhamento em pesquisas científicas, a participação de eventos, a educação permanente, a extensão, as reuniões, a participação em colegiados, dentre outros, e todas exigem o compromisso ético de sua atuação (Junges; Behrens, 2015).

O educador de enfermagem que assume a posição de ser *parrhesiasta* deve ter a consciência de que deve ir além de suas palavras. A *parrhesía* deve ser legitimada por seu interlocutor, por isso a importância de associar o fazer com o falar. Os alunos observam e podem tomar o mestre como exemplo:

Assim, aquilo que o mestre traz como verdade; o que ele escolhe dizer como verdadeiro e o que o discípulo dispõe de instrumento – instrumento circunscrito pelo discurso do mestre que escolhe e decide o que é verdadeiro e acaba possibilitando que a produção de uma verdade do discípulo -, seja a nosso modo de ver, um entre possível através do discurso do mestre com o que o discípulo escolhe para se dizer sujeito da verdade e, portanto, sujeito contemporâneo (Santos, 2015, p.72).

Portanto, é possível identificar, no discurso de *Higéia*, práticas *pahrresiásticas*. Considerando que a *parrhesía* é ética e que aquele que o fala possui real responsabilidade em suas palavras, é compreensível o pensamento de *Higéia* em se preocupar em ser dona de suas palavras e dizer a verdade para que não lhe cause arrependimentos futuros. Além disso, *Higéia* menciona que o falar a verdade é o que a solidifica como uma profissional educadora.

Para finalizar, *Epione* responde que “*falaria a verdade a quem fosse necessário mesmo que houvesse consequências*”. Enquanto educadora, *Epione* está em uma posição privilegiada dentro do campo da educação, pois ela é capaz de auxiliar os alunos a irem em busca de suas próprias verdades por meio da maiêutica. Cabe aqui a definição do termo, que, de acordo com Chauí, deriva de:

Maieutiké: Arte de realizar um parto. A palavra *maieúia* significa parto; *maieútria*, parteira; o verbo *maieúo* significa realizar o parto auxiliando a parturiente. O *maieutikós* é o parteiro que conhece a arte ou técnica do parto. Platão criou a palavra *maieutiké* para referir-se ao “parto das idéias” ou “parto das almas” realizado pelo método socrático (Chauí, 2005, p. 505).

Ao dizer a verdade enquanto docente, independentemente de suas consequências, ela consegue proporcionar reflexões, seja sobre suas ações, seja sobre as ações do acadêmico. É por meio dessa relação que emergem novas reconstruções de si e de novas verdades, como a

uma mulher que dará à luz:

Neste particular, sou igualzinho às parteiras: estéril em matéria de sabedoria, tendo grande fundo de verdade a censura que muitos me assacam, de só interrogar os outros, sem nunca apresentar opinião pessoal sobre nenhum assunto, por carecer, justamente, de sabedoria. [...]. O que é fora de dúvida é que nunca aprenderam [os que tratam com Sócrates] nada comigo; neles mesmos é que descobrem as coisas belas que põem no mundo (Platão, 2001, p. 47).

Por meio da *parrhesía* e da *maiêutica*, Sócrates era capaz de proporcionar outros meios para o despertamento dos saberes da alma. Em *Apologia*, Platão dispõe sobre isso:

Isso justamente é o que me manda o Deus, e vós o sabeis, e creio que nenhum bem maior tendes na cidade, maior que este meu serviço do Deus. Por toda parte eu vou persuadindo a todos, jovens e velhos, a não se preocuparem exclusivamente, e nem tão ardentemente, com o corpo e com as riquezas, como devem preocupar-se com a alma, para que ela seja quanto possível melhor, e vou dizendo que a virtude não nasce da riqueza, mas da virtude vem, aos homens, as riquezas e todos os outros bens, tanto públicos como privados. Se, falando assim, eu corrompo os jovens, tais raciocínios são prejudiciais; mas se alguém disser que digo outras coisas que não essas, não diz a verdade. Por isso vos direi, cidadãos atenienses, que secundado Anito ou não, absolvendo-me ou não, não farei outra coisa, nem que tenha de morrer muitas vezes (Platão, 2002, p. 17).

O educador proporciona meios reflexivos na relação de educador e educando, a respeito de suas vivências, de suas experiências, sempre pautando suas ações de cuidado na ética. O educador *parrhesiasta* têm consigo a capacidade de conduzir seu aluno em busca de suas próprias verdades. Por isso quando *Epione* diz que fala sempre a verdade, ainda que não (re)conheça, exerce um papel fundamental na formação do aluno, enquanto docente e como sujeito, pois na graduação, com as experiências sejam através de diálogos críticos de casos em salas de aula, ou mesmo em estágios práticos, acabam que ajudando na formação de um profissional enfermeiro ético e *parrhesiasta*.

A seguir teremos as nossas considerações finais desta pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Longe se vai sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu caçador de mim”
(Magrão; Sá, 1981).

Aqui segue as considerações e aprendizagens acerca das possibilidades de *parrhesía* dos educadores em enfermagem, desta pesquisa.

A motivação para esta pesquisa surgiu a partir de diversas experiências que vivenciei, como professora de enfermagem nas atuações práticas, especialmente nas hospitalares durante a pandemia. Minhas inquietações aumentaram quando, através do meu ingresso ao doutorado e acesso as disciplinas sobre a *parrhesía*, me dei conta da importância do falar a verdade sobre o estado de saúde dos pacientes quando seus familiares me abordavam. Quando é ético utilizar a *parrhesía*? O conselho de classe, nesse caso, o Coren, me resguarda quanto a isso? O ponto de partida aconteceu quando percebi que ser praticante da *parrhesía* está intrinsecamente ligado ao cuidado de si, tema que explorei em minha dissertação. Hoje percebo que minha tese é uma continuação, de modo natural desse meu estudo anterior.

O processo de pesquisa apresentou seus desafios, pois me deparei com abordagens desconhecidas, metodologias inovadoras e a desconstrução de minhas ideologias. Sem dúvida, foram necessárias superações em todos os aspectos durante essa jornada, na tentativa de compreender que as verdades que nos moldam são poderosas, mas também são (re)construídas. Terminei essa minha fase diferente de quando comecei, e assim será por toda vida, regada de constantes mudanças.

As disciplinas, explorando as obras Socráticas/Platônicas e Foucaultianas, ajudaram-me de maneira imensurável, levando-me em um lugar em que pude enxergar além do que estava posto, do óbvio, e pude, assim, observar, desconstruir e (re)construir esse estudo e também a evoluir não apenas como indivíduo, mas também como pesquisadora.

As coletas de dados foram realizadas, com cuidado, para garantir o respeito pela dignidade humana e valorizando as experiências únicas de cada sujeito; os discursos transcritos foram devolvidos aos sujeitos e somente assim, houve a análise de resultados, seguida das discussões, assegurando o anonimato através do uso de pseudônimos de deusas gregas, que estão interligadas a saúde.

A pesquisa contou com uma seleção aleatória dos sujeitos, cujos discursos são ricos e

por tais, se tornam possíveis novas discussões, e o desenvolvimento de novas análises a partir das informações obtidas.

Todas as entrevistadas são mulheres, enfermeiras e docentes, com idades variando entre 31 e 61 anos. Quanto ao tempo de atuação na docência, essa faixa varia de 2 a 37 anos. Estes dados são relevantes, uma vez que, durante as discussões e análises realizadas, foi possível notar diferentes opiniões sobre o tema, decorrentes de perspectivas de vida e singularidades únicas de cada entrevistada.

É importante ressaltar o espaço das mulheres no mercado de trabalho, já que os sujeitos deste estudo são todas do sexo feminino. Muitas vezes, associa-se a enfermagem a um instinto maternal, ligado ao cuidado. No entanto, é necessário ter cuidado ao considerar esse aspecto, pois a enfermagem é uma ciência e busca constantemente a valorização profissional. Como costume dizer, a enfermagem é praticada com amor, mas não realizada apenas por amor.

As educadoras em enfermagem consideram indissociáveis as práticas e os aprendizados adquiridos na vida profissional com a pessoal, e vice-versa. Dessa maneira, acreditam que uma interfere na outra; indo de encontro aos pensamentos Socrático/Platônico, que dão maior ênfase à prática como exemplo a ser seguido, em detrimento do mero ato de falar.

No que se refere a ética e a *parrhesía*, é possível entender que esse campo de estudo, estão interligados, nas palavras das educadoras; chega a ultrapassar a espera biológica e atinge outro campo de discussões, que é a respeito do cuidado de si; um conceito trabalhado desde Sócrates e resgatado por Foucault tempos depois. Entende-se que o cuidado de si é peculiar e singular, baseando-se nas falas das entrevistadas, o que é comum, considerando cada indivíduo passa por diferentes situações ao longo da vida, o que molda suas crenças, ideias e visão de mundo. Acredito que é importante refletir sobre a aplicabilidade da ética do cuidado de si associado a *parrhesía*. Ensinar enfermagem é ensinar ética em *parrhesía*? Como o modo de vida *parrhesiático* produz efeitos sobre si e nos outros?

Ao pensar no objetivo principal da pesquisa, as reflexões acerca das possíveis práticas *parrhesiáticas*, no exercício da profissão de enfermagem, a partir das leituras e análises, apontam para uma resposta afirmativa, assim, as enfermeiras educadoras acreditam na viabilidade da situação.

Mesmo que em alguns momentos discursivas emergiram trechos como, por exemplo, “*Só diria a verdade se fosse realmente necessário*”, o que nos proporciona uma diversidade de reflexões e questionamentos. Será realmente possível praticar a *parrhesía* enquanto educadora? Nas palavras dos sujeitos sim, sem dúvidas, mas levanta o questionamento, o que há por detrás disso? As relações de poderes? Os questionamentos surgem para que novas pesquisas sejam

feitas para analisar com maior profundidade essa perspectiva.

Consideramos que ainda há pouco desenvolvimento sobre a temática em questão, mas ressaltamos a importância de começar a trabalhá-la e aplicá-la desde a graduação em enfermagem. Uma possível proposta para isso seria através de uma disciplina específica chamada "Éticas Parrhesiásticas" ou incluí-la na grade curricular, como parte da disciplina de filosofia da educação. É importante reconhecer os desafios que surgirão durante esse processo, porém as perspectivas de alcançarmos reflexões são imensuráveis.

Finaliza-se essas considerações sem um ponto final, com a proposta de problematizar a temática, proporcionar reflexões e ressaltando ser necessário novos estudos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bossi e Ivone Castilho Benedetti. ed. 5. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2012/04/nicola-abbagnano-dicionario-de-filosofia.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

ACCOSTA, Tássio; GALLO, Silvio. O conceito de *parresía* a partir da conferência realizada por Michel Foucault em Grenoble, em 1982. **Rev. do Programa de Pós Graduação em Educação – UNESC**, Criciúma-SC, v. 10, n. 12, 2021.

ADORNO, Francesco Paolo. A atividade intelectual: o modelo socrático. In.: **Foucault: a coragem da verdade**. F. Gros (Org). São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

AMARIJO, Cristian Lopes. **O exercício da *Parrhesía* por enfermeiros da atenção básica no cuidado a mulheres em situação de violência doméstica**. 2019. 199p. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0eef95b97cd6476ffd10b274b3f2690a.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2022.

ANGELO, Margareth; FORCELLA, Hideko Takeuchi; FUKUDA, Ilza Marlene Kuae. Do Empirismo a ciência: A evolução do conhecimento de enfermagem. **Rev. Enf. USP**, São Paulo, v.29, n.2, p.211-223, agosto 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/GbkDNRhjprBq9n4cy7dNYGD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 fev. 2023.

Associação de Mantenedoras de Ensino Superior – ABMES. **Pandemia provoca aumento do interesse de alunos por graduações na área da Saúde**. 2020. Disponível em: <https://abmes.org.br/noticias/detalhe/4087/pandemia-provoca-aumento-do-interesse-de-alunos-por-graduacoes-na-area-de-saude>>. Acesso em 06 Mar 2023.

BARROS, Alba Lucia Botura Leite de; LOPES, Juliana de Lima. A legislação e a sistematização da assistência de enfermagem. **Rev. COFEN**. 2010. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/17/18>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BIBLIOTECA, Virtual em Salud Enfermería (org). 2023. **História da Enfermagem**. Disponível em: https://bvsenfermeria.bvsalud.org/vitrinas/post_vitrines/historia-da-enfermagem/. Acesso em: 02 fev. 2023.

BRASIL. PORTAL DO SENADO. **Ampliação do conceito médico invasivo na pauta da CAS.** 2013. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/13/ampliacao-do-conceito-de-procedimento-medico-invasivo-na-pauta-da-cas#:~:text=Hoje%20a%20Lei%2012.842%2C%20de,corpo%2C%20atingindo%20%20C3%B3rg%C3%A3os%20internos%E2%80%9D>> Acesso em :10 out. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE (org). 2023. **História e Evolução dos hospitais.** ed. 2, n. 1. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cccd4_08.pdf>. Acesso em 02 Fev. 2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (org). **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem.** 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/Enf.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2023.

BRASIL. **Qual a diferença entre pós graduação lato sensu e stricto sensu?** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13072:qual-a-diferenca-entre-pos-graduacao-lato-sensu-e-stricto-sensu>. Acesso em: 30 Mai 2023.

BRASIL. 2000. **Comissão de Especialistas de Ensino de Enfermagem** (Portaria nº 1518 de 14/06/2000). Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/enf.pdf>>. Acesso em: 10 Fev. 2023.

BRASIL. Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre o exercício da enfermagem e dá outras providências. **Diário Oficial da União.** Brasília-DF: Casa Civil, 1986. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7498.htm. Acesso em: 13 fev. 2023.

BRAZILIAN JOURNAL OF AGRICULTURE – FEALQ (org). 2021. Confirma significados de termos que se popularizaram com a pandemia. Disponível em: <<https://fealq.org.br/pelavida/2020/07/09/covid-19-confirma-significado-de-terminos-que-se-popularizaram-com-a-pandemia/>>. Acesso em 13 de Fev. 2023.

CANDIOTTO, Cesar. Subjetividade e Verdade no Último Foucault. **Revista Trans/Form/Ação.** São Paulo, v. 31, n. 1, p. 1-16, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/dP6ptnMKsWtsqLVmC8c4gCh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 mar. 2023.

CANDIOTTO, Cesar. *Parresía* Cinica e Alteridade na perspectiva de Michel Foucault. **Rev. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.** 2014. Disponível em: < <http://www2.ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revistas/40/10.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2023.

CANDIOTO, Cesar. Genealogia da ética de Michel Foucault. **Educação e Filosofia**, v. 27, n. 53, 2013.

CAPPI, Anna Carla BentoSabeh; SANTOS, Edirlei Machado dos. In: ZAGO, Maria Cristina. **Saúde Mental no século XXI: Indivíduo e Coletivo Pandêmico** (org). Guarujá-SP: Ed. Científica Digital, 2021. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.org/books/978-65-87196-90-9.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CARDOSO, Fernanda Ferreira; LIMA, Mayris da Paz; Almeida, Renata Ferreira; Bezerra, Ciro. Formação de si referenciada na formação humana: Efeitos de um método Sistematizado de Estudo. Alagoas: **VI Congresso Nacional de Educação**. 2017. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA8_ID13654_2_5092019191833.pdf. Acesso em: 10 ago 2022.

CARLOS, Roberto; CARLOS, Erasmo. 1981. **Emoções** – CD. Gravadora Sony Music: Rio de Janeiro.

CASTIEL, Luis David; XAVIER, Caco; MORAES, Danielle Ribeiro de. **À Procura de um Mundo Melhor** : Apontamentos sobre o Cinismo em Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2016.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário Foucault**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte : Autêntica, 2009.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

COMPLEXO DE SAÚDE SÃO JOÃO DE DEUS (org). 2003. **Personagens da Enfermagem**. Disponível em: <https://escola.cssjd.org.br/c/eventos/personagens-da-enfermagemrg.br>. Acesso em: 10 fev. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Novo Código de Processo Ético da Enfermagem é Publicado**. 2022. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/novo-codigodeprocessoeticodaenfermagempublicadopelocofen_100986.html#:~:text=Novo%20C%C3%B3digo%20de%20Processo%20%C3%89tico%20da%20Enfermagem%20%C3%A9%20publicado%20pelo%20Cofen,Fruto%20de%20amplo&text=Foi%20publicada%20nesta%20quarta%20feira,Processo%20%C3%89tico%20da%20Enfermagem%20brasileira. Acesso em: 13 jul. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Enfermagem em números**. 2023. Disponível em: – Enfermagem em Números Conselho Federal de Enfermagem - Brasil (cofen.gov.br). Acesso em: 09 fev. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Qual a diferença entre Cofen e Coren.** 2018. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/qual-diferencaentrecorenecofen/#:~:text=Em%20resumo%2C%20os%20Corens%2C%20ou,o%20exerc%C3%ADcio%20profissional%20da%20enfermagem>. Acesso em: 13 fev. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Brasil representa um terço das mortes de profissionais de enfermagem por COVID 19.** 2021. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/brasil-responde-por-um-terco-das-mortes-de-profissionais-de-enfermagem-por-covid-19_84357.html. Acesso em: 15 fev. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Enfermagem em números.** 2023. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>. Acesso em: 06 mar 2023.

CUPELLO, Priscila Céspedes. **O cuidado de si Socrático e a vida Filosófica: Perspectivas Foucaultinas.** *Rev. Ideação*, ed. 1. n. 44, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/7655/6368>. Acesso em: 01 jul. 2023.

ESCOLA ANA NERY (org). **Breve histórico institucional da Escola de Enfermagem Anna Nery.** 2023. Disponível em: <https://eean.ufrj.br/index.php/grupos-de-pesquisa/28-institucional/177-historico>. Acesso em: 10 fev. 2023.

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA SANTA CASA DE SÃO PAULO - FCMSCSP (org). **Onde um enfermeiro pode trabalhar?** 2023. Disponível em: <https://fcmsantacasasp.edu.br/blog/onde-um-enfermeiro-pode-trabalhar/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

FISHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a Análise do Discurso em Educação.** *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 114, v. 1, 2001.

FORTES, Paulo Antônio de Carvalho; RIBEIRO, Helena. **Saúde Global em tempos de Globalização.** *Rev. Saúde Soc*, São Paulo, v.3, n.2, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/3SZQCBNKhKBWJWbq3LbQtpz/?lang=pt>. Acesso em: 01 Jun. 2023.

FRANÇA, Greyce Kelly de Cruz de Souza. **Uma Teoria do poder em Foucault.** *Cadernos do PET Filosofia*, v.8, n.16, 2017. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/8138>. Acesso em 08 Dez. 2023.

FREITAS, Genival Fernandes de; OGUISSO, Taka. **Ocorrências Éticas na Enfermagem.** *Rev. Bras Enferm*, Brasília, v.56, n.6, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/8jGdHWWc4bZT54wXt5JhWv/?format=pdf>.

Acesso em: 03 jul. 2023.

FOUCAULT, Michael. **O sujeito e o poder**. In: Hubert Dreyfus; Paul Rabinow (Ed.). Para além do estruturalismo e da Hermenêutica. 2 ed. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

FOUCAULT, Michael. **História da loucura na Idade Clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FOUCAULT, Michael. **As palavras e as coisas**: Uma arqueologia das Ciências Humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade**: o cuidado de si. 3. ed. São Paulo: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michael. “La vie des hommes infames”. In: **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, 1994.

FOUCAULT, Michael. O sujeito e o poder. In: H. L. Dreyfus & P. Rabinow (Orgs.). **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michael. **Fearless Speech**. PEARSON, J, editor. Los Angeles: Semiotext(e), 2001.

FOUCAULT, Michael. A verdade e as formas jurídicas. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, supervisão final do texto Léa Porto de Abreu Novaes et al., Rio de Janeiro:NAU, 2002.

FOUCAULT, Michael. **Ditos e escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. v. 4 (Estratégia poder-saber). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michael. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: **Ditos & Escritos V – Ética Sexualidade e Política**. Tradução de Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

FOUCAULT, Michael. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. Tradução de Eduardo Brandão. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michael. **Ética, Sexualidade, Política**. Coleção Ditos & Escritos. v. 5. Rio

de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michael. **Hermenêutica do sujeito**. Tradução de Marcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michael. **O nascimento da biopolítica**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neto. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura F. de A. Sampaio. 21 ed. São Paulo: Loyola, 2011.

FOUCAULT, Michael. Discurso e Verdade - Conferências em Berkeley. Tradução de Jhoseph Person. **Revista de Filosofia Prometeus**, UFS, v. 6, n. 13, 2013.

GALVÃO, Bruno Abílio. A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência. **Revista Intuitio**, v. 7, n. 1, p.157-168, 2014.

GARCIA, Francisco Antônio. Filosofia e a verdade. **Rev. Acta Scientarum**, ed. 23, n.1, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda S., Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades, In: **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.2, p. 57-63, mar./abr. 1995, p. 57-63.

GONÇALVES, Brenner Alexandre. Algumas considerações sobre a *parresía* em Foucault. **Pensar- Revista Eletrônica da FAJE**. v. 4, n. 1, 2013.

HADOT, Pierre. **O que é Filosofia Antiga?** 6 ed. São Paulo: Edições Loyola. 2017.

INSTITUTO BUTANTAN (org). **Pandemia de COVID 19: Saiba os significados dos termos mais frequentes**. 2021. Disponível em: <https://www.ifsudestemg.edu.br/noticias/reitoria/dicionario-da-covid-19>. Acesso em: 15 fev. 2023.

INSTITUTO FEDERAL DO SUDESTE DE MINAS GERAIS – IF SUDESTE MG (org). **Seis fatos sobre a ômicron, a variante mais transmissível da COVID 19**. 2021. Disponível em: <https://www.ifsudestemg.edu.br/noticias/reitoria/dicionario-da-covid-19>. Acesso em: 15 fev. 2023.

INSTITUTO FIOCRUZ (org). **O que é uma pandemia?** 2021. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em: 17 jun. 2023.

JESUS, Ludmila Anjos de, et al. Ensino da história da Enfermagem: reflexões e contribuições. **Rev. Enf. UERJ**, Rio de Janeiro, ed. 30, n. 1, 2022.

JUNGES, Kelen dos Santos; BEHRENS, Marilda Aparecida. Prática docente no Ensino Superior: a formação pedagógica como mobilizadora de mudança. **Rev. Perspectiva**, v. 33, n.1, 2015.

MAANEN, John, Van. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. In: **Administrative Science Quarterly**, v. 24, n. 4, p. 520-526, December 1979. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i341305>. Acesso em: 21 jan. 2022.

MACHADO, Maria Helena; PEREIRA, Everton Justino; NETO, Francisco Rosemiro Guimarães Ximenes; WERMELINGER, Monica Carvalho de Mesquita Werner. Enfermagem em tempos de COVID-19 no Brasil: um olhar da gestão do trabalho. Brasília: **Rev. Enferm em Foco**. 2020. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3994>. Acesso em: 17 jun. 2023.

MADUREIRA, Carlinhos; BERNINI, Gilson; PILARES, Xande de. 2009. **Tá Escrito** – CD. Universal Music: Rio de Janeiro.

MANHÃES, Letycia Sardinha Peixoto; TAVARES, Claudia Mara de Melo. Formação do enfermeiro para atuação na docência universitária. **Rev. Min. Enferm**, Belo Horizonte, v.4, n.1, 2020. Disponível em: <https://reme.org.br/artigo/detalhes/1469>. Acesso em: 06 mar. 2023.

MARASCHIN, Renata; DAMETTO, Jarbas. A paresia como ciência formativa voltada aos profissionais de saúde. São Paulo: Rev. Interface. N. 20. Ed. 59. 2016. Disponível em: < <https://www.scielo.org/article/icse/2016.v20n59/993-1003/> >. Acesso em: 13 Mai. 2023.

MEIRELES, Tulipa Martins; ARALDI, Clademir. **Parresía e cuidado de si**: Perspectivas sobre A Coragem da Verdade de Michel Foucault. XVIII Encontro de Pós graduação da Universidade Federal de Pelotas. Universidade Federal de Pelotas [ORG]. 2017. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/6017/1/Parhesia_e_cuidado_de_si.pdf.

Acesso em: 01 fev. 2022.

MENEZES, Silvia Regina Tamaé.; PRIEL, Margareth Rose; PEREIRA, Luciane Lucio. Autonomia e vulnerabilidade do Enfermeiro na prática da sistematização da assistência de enfermagem. **Rev. Esc. Enf. USP.** v. 45, ed. 4. 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 466/2012. **Diário Oficial da União.** Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2012. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 12 fev. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 506/2016. **Diário Oficial da União.** Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 12 jan. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 510/2016. **Diário Oficial da União.** Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2022.

OBER, Josiah. The debate over civic education in classical athens. In: TOO, Yun Lee (ed.). **Education in Greek and Roman Antiquity.** Boston. Leiden: Brill, 2001.

OLIVEIRA, Gilberto Benedito de. Cuidado de Si e Hermenêutica do Sujeito em Michel Foucault. 2011. 162 p. Dissertação em Filosofia do Programa de Pós Graduação da UFRG. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16495/1/GilbertoBO DISSERT>>. Acesso em: 05 Mai. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Folha informativa sobre COVID-19.** 2020. Disponível em: paho.org/pt/covid19. Acesso em: 20 jul. 2023.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da existência em Foucault.** Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.

PADILHA, Marília Itayra Coelho de Souza. As representações da história da enfermagem na prática cotidiana atual. Brasília: Rev. **Bras Enfermagem.** 1994. Ed. 1, n 3. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/Qbs4R8pNrmXvHYjXNMDSCWx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 Fev. 2023.

PEDROSO, Julia de Souza; SILVA, Kauana Soares da; CAMPOS, Laiza, Padilha. Pesquisa Descritiva e Pesquisa Prescritiva. v.8, n.9, Janeiro, 2017. p. 01- 20. Curitiba: **Rev. Uni. Santa Cruz.** Disponível em: <<http://unisantacruz.edu.br/revistas/index.php/JICEX/article/view/2604>>. Acesso em 13 Dez 2021.

PEREIRA, David; VICENTIN, Marcelo. **O sentimento de retomar a coragem da verdade (1984)**. Criciúma: Criar Educação, v. 10, n 2, 2021.

PINHO, Luiz Celso. Michel Foucault e o conceito grego de *parresía*. Unimontes: **Poesis Revista de Filosofia**, v.12, n.1, 2015.

PLATÃO. A Alegoria da Caverna: A Republica, 514-517. tradução de Lucy Magalhães. In: MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Filosofia: dos Pré-socráticos a Wittgenstein**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

PLATÃO. **A República**. 2011. Tradução de Pietro Nasseti. 3 ed. São Paulo: Martin Claret.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Tradução: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ediouro, 2002.

PLATÃO. **Defesa de Sócrates, Ditos e feitos memoráveis de Sócrates, Apologia de Sócrates, As nuvens**. Tradução de Platão por Jaime Bruna, de Xenofonte por Líbero Rangel de Andrade e de Aristófanes por Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PLATÃO. Carta VII. In: **Diálogos VII (Dudosos, Apócrifos, Cartas)**. Biblioteca clássica de Gredos. Editorial Gredos: Madrid, 1992.

PLATÃO. **Teeteto**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Rev. Belém: EDUFPA, 2001.

REVEL, Judith. Michel Foucault: **Conceitos Essenciais**. Traduzido por Maria do Rosário Gregolin e Ninton Milanez. São Carlos - SP: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Felipe Figueiredo de Campos. *Parresía* Socrático Platônica na Crise da Democracia: Atração e Repulsão pelo Poder. **Rev. Ética e Filosofia**, Juiz de Fora, ed. 2, n. 19, 2016.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em educação. **Rev. Diálogo Educacional**, Curitiba, ed. 6, n. 19, 2006.

SÁ, Luís Carlos; MAGRÃO, Sergio. 1981. **Caçador de mim**. Milton Nascimento. Caçador

de mim – CD. Gravadora Abril Coleções: Rio de Janeiro.

SANTOS, G. S. Da *parresía* à realidade: pensando a constituição docente na educação matemática contemporânea. *Rev. UFRGS*, v. 33, n. 2, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/54391/33252>. Acesso em: 02 jul. 2023.

SANTOS, Jussara Carvalho dos; CEOLIM, Maria Filomena. Itrogenias de Enfermagem em pacientes idosos hospitalizados. *Rev Esc Enf*. v. 43, n. 4. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/qQxM8PdXSZCBnWXGskBNBSm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jul. 2023.

SEBOLD, Luciara Fabiane; CARRARO, Telma Elisa. Modos de ser enfermeiro professor no ensino do cuidado de enfermagem: um olhar heideggeriano. 2013. *Rev. Bras Enf*, Brasília, ed. 66. n. 4. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/tPY6jx7T8MTymhChdvDGFZw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 jun. 2023.

SILVA, Edna Lúcia da Silva; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração da Dissertação**. v.3, n.1. 2001. Florianópolis: UFSC. Disponível em: <<https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcb/files/2011/03/Metodologia-da-Pesquisa-3a-edicao.pdf>>. Acesso em 16 jul. 2023.

SILVA, José Lourenço Pereira da. Sócrates e a *Parresía* Democrática. 2019. **Caxias do Sul: Conjectura Filos. e Edu.** v. 24, n. 1. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-46122019000100016. Acesso em: 10 ago 2022.

SILVA, Valéria Gomes; SILVA, Bruno Neves da; PINTO, Érica Simone Galvão; MENEZES, Rejane Maria Paiva de. Trabalho do enfermeiro no contexto da Pandemia de COVID 19. *Rev Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 74, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/MH4YCt9PWtGJFqySZ4jSYDB/?lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SILVEIRA, Carlos Roberto da. A Educação Socrática como “Modo de Vida”: a Imagem do “Cuidado de Si” na Beleza Poética do Sátiro. Itatiba: *Rev. Horizontes*, v. 32, n. 2, 2014. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/180>. Acesso em: 16 jul. 2023.

SILVEIRA, Carlos Roberto da; AGOSTINI, Nilo. A *Bíos* no discurso do *logos* : pessoa/participante hígida em projetos de pesquisa em saúde no Brasil. *Rev. Cojectura*, Caxias do Sul, v. 22, n. 3, 2017. Disponível em:< <http://educa.fcc.org.br/pdf/conjectura/v22n3/2178-4612-conjectura-22-03-536.pdf>>. Acesso em: 11 Jan. 2024.

SILVEIRA, Carlos Roberto da; MASCIA, Márcia Aparecida Amador; AZEREDO, Luciana Aparecida Silva de. Filosofia e Educação como um “modo de vida”: O cuidado de si, do outro e o agradecimento à Asclépio. Uberlândia: **Educação e Filosofia**, v. 34, n. 70, 2020. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/educfil/v34n70/1982-596X-educfil-34-70-279.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2023.

SOUTO, Bruna Lecintia Carpes. et al. O trabalho docente em pós-graduação: prazer e sofrimento. Santa Maria: **Revista de Enfermagem**, v. 7, n. 1, 2017.

STENICO, Camila Aguiar. Estética da existência e cinismo em Foucault: a vida outra como forma de resistência ética e política. Rio Grande do Sul: **Rev. Brasileira de Sociologia**, v. 5, n. 10, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5957/595764900005/html/>. Acesso em: 05 ago de 2022.

TANNURE, Meire Chucre; PINHEIRO, Ana Maria. **SAE: guia prático**. Guanabara Koogan: São Paulo, 2 ed., v.1, 2013.

VLASTOS, Gregory. The Socratic elenchus: method is all. In: VLASTOS, Gregory. **Socratic studies**. Edited by Myles Burnyeat. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

VEIGA NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ZANARDO, Graziana Maidana; ZANARDO, Guilherme Maidana; KAEFER, Cristina Thum. Sistematização da assistência de enfermagem. **Rev. Contexto e Saúde**. v. 11, ed. 20, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/1811/1517>. Acesso em: 20 jan. 2023.

ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavoni. Bioética do cuidar: a ênfase na dimensão relacional. **Rev. Estima [Internet]**. 2003. Disponível em: www.revistaestima.com.br/estima/article/view/124. Acesso em: 10 fev. 2023.